

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS**

CARLOS HENRIQUE PEDRO CAMILO

**EU, O OUTRO E A NATUREZA. UM PROCESSO DE
AUTOCONHECIMENTO**

Goiânia
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Carlos Henrique Pedro Camilo**

Título do trabalho: **Eu, o outro e a natureza. Um processo de autoconhecimento.**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Duarte Feitoza, Professor do Magistério Superior**, em 29/01/2024, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Henrique Pedro Camilo, Discente**, em 29/01/2024, às 18:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4340974** e o código CRC **E1691B2E**.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS**

CARLOS HENRIQUE PEDRO CAMILO

**EU, O OUTRO E A NATUREZA. UM PROCESSO DE
AUTOCONHECIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Artes Visuais Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Duarte Feitoza

Goiânia
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Camilo, Carlos Henrique Pedro

Eu, o outro e a natureza: um processo de autoconhecimento
[manuscrito] / Carlos Henrique Pedro Camilo. - 2024.

CXI, 111 f.: il.

Orientador: Prof. Paulo Henrique Duarte-Feitoza .

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Pintura . 2. Relações Humanas . 3. Natureza. 4. Processo de
produção artística. 5. Vivências pessoais . I. Duarte-Feitoza , Paulo
Henrique , orient. II. Título.

CDU 73



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 22 dias do mês de janeiro do ano de 2024 iniciou-se, às 9h15 no Auditório da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **Eu, o outro e a natureza. Um processo de autoconhecimento**, de autoria de **Carlos Henrique Pedro Camilo**, estudante do curso Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pelo orientador e presidente da banca, Prof. Dr. Paulo Henrique Duarte Feitoza (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Glayson Arcanjo de Sampaio (FAV/UFG) e Profa. Dra. Eliane Maria Chaud (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) ao estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC **Aprovado**.

A banca destacou a qualidade da produção artística e a abordagem da paisagem do cerrado realizada pelo estudante.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Duarte Feitoza, Professor do Magistério Superior**, em 22/01/2024, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Maria Chaud, Professora do Magistério Superior**, em 22/01/2024, às 16:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glayson Arcanjo De Sampaio, Professor do Magistério Superior**, em 29/01/2024, às 17:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4327473** e o código CRC **FAF05089**.

Folha aprovação TCC

Defendido e aprovado publicamente em 22 de janeiro de 2024, pelos seguintes membros da banca:

Prof. Dr. Paulo Henrique Duarte-Feitoza – Orientador

Universidade Federal de Goiás

Prof.^a Dr.^a Eliane Maria Chaud – Avaliadora

Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Glayson Arcanjo de Sampaio – Avaliador

Universidade Federal de Goiás

Goiânia 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais por estarem junto comigo nessa caminhada e por incentivarem minhas escolhas desde sempre além de fornecerem apoio necessário para concluir esta etapa.

Agradeço também ao meu orientador e amigo, Paulo Henrique Duarte-Feitoza, por me guiar, apoiar e incentivar nesta pesquisa e em toda minha jornada e avanço como artista visual.

Aos meus amigos também sou grato por sua parceria e apoio nos momentos de dúvida, ansiedade e tensão. Estes últimos anos foram muito mais leves com vocês.

Por último agradeço a todos os discentes e docentes que estiveram junto comigo nessa jornada, em especial Glayson Arcanjo de Sampaio e Eliane Maria Chaud por aceitarem meu convite para comporem a banca e estarem presentes nesse momento tão especial.

RESUMO

Nesta pesquisa em Artes Visuais, me proponho a investigar minha própria produção artística afim de entender os caminhos os quais estou trilhando e a poética a qual estou construindo. Em meio a dúvidas, incertezas e inseguranças que circundavam minha caminhada artística, me coloco a expor experimentações, exercícios e obras que foram feitas durante minha formação, afim de conseguir uma melhor compreensão e segurança de minha produção. Além disso, como extensão deste processo, me propus a produzir 11 pinturas a óleo sobre tela, dando continuidade nesta caminhada de autoconhecimento. A medida em que essa investigação foi aplicada, muitas questões surgiram em relação a minha produção, como por exemplo, a misteriosa e complexa relação entre o eu, o outro e a natureza em minhas obras. Começo a entender minha tendência a abordar questões relacionadas às minhas vivências pessoais ligadas a como me relaciono com o outro, ao mesmo tempo em que mesclo estas questões com minha relação com a natureza, um ambiente onde encontro interesse, conforto e acolhimento.

Palavras-chave

Pintura; Relações humanas; Natureza; Processo de produção artística; Vivências pessoais.

ABSTRACT

In this research in Visual Arts, I propose to investigate my own artistic production in order to understand the paths I am treading and the poetics I am constructing. Amid doubts, uncertainties, and insecurities surrounding my artistic journey, I expose experiments, exercises, and works created during my training, aiming for a better understanding and confidence in my production. Furthermore, as an extension of this process, I have committed to producing 11 oil paintings on canvas, continuing this journey of self-discovery. As I applied this investigation, many questions arose regarding my production, such as the mysterious and complex relationship between the self, the other, and nature in my works. I am beginning to comprehend my tendency to address issues related to my personal experiences linked to how I relate to others, while simultaneously interweaving these questions with my relationship with nature an environment where I find interest, comfort, and solace.

KEYWORDS

Painting; Human relationships; Nature; Artistic production process; Personal experiences.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Esboços e estudos em grafite sobre papel. 2019</i>	21
Figura 2 – <i>Esboços e estudos em grafite sobre papel. 2019</i>	21
Figura 3 – <i>Esboços e estudos em grafite sobre papel. 2019</i>	22
Figura 4 – <i>Estudos de gradação e hachuras. 2019</i>	23
Figura 5- <i>Estudos de cores e formas. 2019</i>	24
Figura 6 – <i>Estudos partes do rosto humano, 2019</i>	25
Figura 7 – <i>Estudos de figura humana, 2019</i>	26
Figura 8 – <i>Estudos de figura humana, paisagem e cenário, 2019</i>	26
Figura 9 – <i>Sem título. 2019</i>	27
Figura 10 - <i>Contido por olhares, 2019</i>	28
Figura 11 – <i>Sem título. 2019</i>	28
Figura 12 – <i>Sem título, 2020</i>	29
Figura 13 – <i>Sem título, 2020</i>	29
Figura 14 - <i>Jean Giraud Moebius. 40 dias no deserto B. Página 54</i>	31
Figura 15 - <i>Dorothea Tanning. Elne Kleine Nachtmusik</i>	32
Figura 16 - <i>Miles Johnston. Tempestade. 2019</i>	33
Figura 17 – <i>miles Johnston. Projeção. 2019</i>	33
Figura 18 – <i>Nem o “tarde demais” existirá</i>	35
Figura 19 – <i>Solitude e arrependimento. 2020</i>	36
Figura 20 – <i>Manto dos desejos, 2020</i>	36

Figura 21 – <i>Ah equilíbrio, agora no último segundo eu te entendo</i> , 2020	36
Figura 22 – <i>Oh deus, segure minha mão</i> . 2020.....	37
Figura 23 – <i>Detalhe</i> . Fonte: Acervo do autor.....	37
Figura 24 – <i>Esboço inicial</i> , 2022.....	38
Figura 25 – <i>Esboços e anotações</i> , 2022.....	38
Figura 26 - <i>Esboços e anotações</i> , 2022.....	38
Figura 27 – <i>Esboços e anotações</i> , 2022.....	38
Figura 28 – <i>Esboço e anotações</i> . 2022.....	39
Figura 29 – <i>Esboço</i> , 2022	40
Figura 30 – <i>Processo de pintura em camadas</i> , 2022.....	41
Figura 31 – <i>Processo de pintura em camadas</i> , 2022	41
Figura 32 – <i>Processo de pintura em camadas</i> , 2022	41
Figura 33 – <i>Processo de pintura em camadas</i> , 2022	41
Figura 34 – <i>Processo de pintura em camadas</i> , 2022.....	41
Figura 35 – <i>Processo de pintura em camadas</i> , 2022.....	41
Figura 36 – <i>Fotografias autorais</i> . 2022.....	42
Figura 37 – <i>Fotografias autorais</i> . 2022.....	42
Figura 38 – <i>Processo de pintura em camadas</i> , 2022.....	43
Figura 39 – <i>Processo de pintura em camadas</i> , 2022.....	43
Figura 40 – <i>Processo de pintura em camadas</i> , 2022	43
Figura 41 – <i>Processo de pintura em camadas</i> , 2022	43

Figura 42 – <i>Processo de pintura em camadas, 2022</i>	43
Figura 43 – <i>Processo de pintura em camadas, 2022</i>	43
Figura 44 – <i>Cenário digital</i>	44
Figura 45 – <i>Fotografias de troncos quebrados, 2022</i>	44
Figura 46 – <i>Fotografias de troncos quebrados, 2022</i>	44
Figura 47 – <i>Testes em desenho para referência. 2022</i>	45
Figura 48 – <i>Testes em desenho para referência. 2022</i>	45
Figura 49 – <i>Testes de pintura para referência. 2022</i>	45
Figura 50 – <i>Testes de pintura para referência. 2022</i>	45
Figura 51 – <i>Processo de pintura em camadas. 2022</i>	46
Figura 52 – <i>Processo de pintura em camadas. 2022</i>	46
Figura 53 – <i>Processo de pintura em camadas. 2022</i>	46
Figura 54 – <i>Processo de pintura em camadas. 2022</i>	46
Figura 55 – <i>Fotografias de cupinzeiros para referência. 2022</i>	46
Figura 56 – <i>Fotografias de cupinzeiros para referência. 2022</i>	47
Figura 57 – Michelangelo. <i>A criação de Adão. 1511</i>	47
Figura 58 – <i>Detalhe, imagem invertida da mão de Deus da obra “A criação de Adão” de Michelangelo em comparação com minha produção</i>	47
Figura 59 – <i>Solitude e arrependimento antes do fim do mundo. 2022</i>	49
Figura 60 – Patrícia Gouveia. <i>Sobrevida #1. 2017</i>	59
Figura 61 – <i>Nasce o destino do presságio. 2023</i>	63
Figura 62 – <i>Detalhe. Solitude e arrependimento antes do fim do mundo</i>	65

Figura 63 – <i>Esboços de Nasce o destino do presságio. 2022</i>	66
Figura 64 – <i>Esboços de Nasce o destino do presságio. 2022</i>	66
Figura 65 – <i>Fotografias de cupinzeiros. 2022</i>	67
Figura 66 – <i>Fotografias de cupinzeiros. 2022</i>	67
Figura 67 – <i>Processo de camadas de Nasce o destino do presságio. (Primeira tela). 2023</i>	67
Figura 68 – <i>Pinceis utilizados na pintura das obras. 2023</i>	67
Figura 69 – <i>Sonho com conexão. 2022</i>	68
Figura 70 – <i>Descanse na parte do todo. 2023</i>	69
Figura 71 – <i>Fotografia para referência. 2023</i>	70
Figura 72 – <i>Rascunhos de Sonho com conexão. 2023</i>	71
Figura 73 – <i>Rascunhos de Sonho com conexão. 2023</i>	71
Figura 74 – <i>Esboço digital Sonho com conexão. 2023</i>	72
Figura 75 – <i>Processo de pintura de Sonho com conexão. 2023</i>	72
Figura 76 – <i>Fotografia para referência de Descanse na parte do todo. 2023</i>	73
Figura 77 – <i>Rascunho de Descanse na parte do todo. 2023</i>	73
Figura 78 – <i>Esboço digital de Sonho com conexão. 2023</i>	73
Figura 79 – <i>Processo de pintura de Descanse na parte do todo. 2023</i>	74
Figura 80 – <i>Estranhos olhares com-sumidos. 2023</i>	76
Figura 81 – <i>Estranhos #1. 2023</i>	76
Figura 82 – <i>Estranhos #2. 2023</i>	77
Figura 83 – <i>Estranhos #2. 2023</i>	77

Figura 84 – <i>Estudo em tinta a óleo. 2023</i>	78
Figura 85 – <i>Rascunho e anotações de Estranhos #1. 2023</i>	79
Figura 86 – <i>Rascunhos de Estranhos olhares com-sumidos. 2023</i>	80
Figura 87 – <i>Rascunhos de Estranhos olhares com-sumidos. 2023</i>	80
Figura 88 – <i>Processo de pintura de Estranhos olhares com-sumidos. 2023</i>	81
Figura 89 – <i>Processo de veladura. 2023</i>	82
Figura 90 – <i>Um tempo de nós. 2023</i>	83
Figura 91 – <i>Não volte tão cedo. 2023</i>	83
Figura 92 – <i>Por um momento os deixo ir. 2023</i>	84
Figura 93 – <i>Detalhe Solitude e arrependimento antes do fim do mundo. 2023</i>	84
Figura 94 – <i>Esboço de Um tempo de nós. 2023</i>	85
Figura 95 – <i>Esboço de obra tridimensional com cupinzeiro. 2023</i>	85
Figura 96 – <i>Esboço de obra tridimensional com cupinzeiro. 2023</i>	85
Figura 97– <i>Esboços do conteúdo tridimensional adicionado a obra. 2023</i>	86
Figura 98 – <i>Esboços do conteúdo tridimensional adicionado a obra. 2023</i>	86
Figura 99 – <i>Esboços do conteúdo tridimensional adicionado a obra. 2023</i>	86
Figura 100 – <i>Processo de pintura de Um tempo de nós. 2023</i>	87
Figura 101 – <i>Processo de produção das esculturas. 2023</i>	88
Figura 102 – <i>Processo de produção das esculturas. 2023</i>	88
Figura 103 – <i>Processo de produção das esculturas. Adição do sisal e do arame. 2023.</i>	89

Figura 104 – <i>Processo de produção das esculturas. Adição do sisal e do arame. 2023.</i>	89
Figura 105 – <i>Rascunho encaixe da obra. 2023</i>	89
Figura 106 – <i>Modificação feita no chassi da obra. 2023</i>	90
Figura 107 – <i>Etapas de furo e encaixe das partes tridimensionais que compõem a obra Um tempo de nós. 2023</i>	90
Figura 108 – <i>Esboços da obra e do conteúdo tridimensional a ser adicionado. 2023.</i>	91
Figura 109 – <i>Esboços da obra e do conteúdo tridimensional a ser adicionado. 2023.</i>	92
Figura 110 – <i>Processo de corte da estrutura do chassi da obra Não volte tão cedo. 2023</i>	92
Figura 111 – <i>Processo de corte da estrutura do chassi da obra Não volte tão cedo, 2023</i>	92
Figura 112 – <i>Processo de corte da estrutura do chassi da obra Não volte tão cedo, 2023</i>	92
Figura 113 – <i>Molde em tecido para a montagem da caixa a ser acoplada na tela. 2023</i>	92
Figura 114 – <i>Tela com a caixa de tecido já fixada. 2023</i>	94
Figura 115 – <i>Esboço para Não volte tão cedo. 2023</i>	94
Figura 116 – <i>Esboço para Não volte tão cedo. 2023</i>	94
Figura 117 – <i>Base feita diretamente no chassi da obra. 2023</i>	95
Figura 118 – <i>Orifício feito diretamente na tela e em sua estrutura. 2023</i>	95
Figura 119 – <i>Sequência de fixação da cabeça. 2023</i>	95

Figura 120 – <i>Esboço de Por um momento os deixo ir. 2023</i>	96
Figura 121 – <i>Planejamento de Por um momento os deixo ir. 2023</i>	97
Figura 122 – <i>Teste de pintura. 2023</i>	97
Figura 123 – <i>Molde de gesso para produção das cabeças em argila. 2023</i>	98
Figura 124 – <i>Processo de produção das esculturas. 2023</i>	98
Figura 125 – <i>Exemplo de peça já seca, pintada e envernizada. 2023</i>	99
Figura 126 – <i>Verso da tela após modificações. 2023</i>	100
Figura 127 – <i>Verso da tela após modificações. 2023</i>	100
Figura 128 – <i>Acoplagem das cabeças de argila a tela. 2023</i>	100
Figura 129 – <i>Exposição Prêmio Estímulo Fargo 2023</i>	103
Figura 130 – <i>Obras expostas na exposição Abrir Horizontes. 2023</i>	104
Figura 131 – <i>Obras expostas na exposição Sobre/Posições. 2023</i>	104
Figura 132 – <i>Obras expostas na exposição Eu é um outro</i>	105
Figura 133 – <i>Obras expostas na mostra Cascas/Cacos. 2023</i>	106

SUMÁRIO

Introdução	18
1. A primeira obra	20
2. Eu, o outro e a natureza	52
3. Surrelações	61
3.1 – Surrelações humanas.....	62
3.2 – Flutuações.....	68
3.3 – Estranhos uns aos outros.....	75
3.4 – Solitude sobre devaneios viscerais.	82
4. Pesquisa em arte e o circuito	102
Considerações finais	107
Referências	109

Introdução

Nesta pesquisa, feita como parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Artes Visuais – Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG), busco como objetivo geral, produzir uma série de obras artísticas que perpassam a pintura e a escultura, nas quais me aprofundo em reflexões sobre as relações humanas para com todo o ecossistema a sua volta, e ao mesmo tempo, trago também questões pessoais importantes e pertinentes em minhas vivências, como a ansiedade e a fobia social, dois grandes problemas que me acompanham a muito tempo e que de alguma forma se conectam com a maneira como enxergo e reajo ao outro. Tudo se relaciona, dessa forma, com as questões que perpassam a mim, ao outro e também à natureza. Me interessa investigar como se deu todo o processo de pesquisa e produção, e por quais etapas passei até chegar aos meus objetivos específicos, isto é, uma produção artística sólida, juntamente com uma melhor compreensão de meu próprio trabalho e das questões, assuntos e poéticas que abordo em minha produção.

No primeiro capítulo, *A primeira obra*, falo sobre minha trajetória artística iniciando em meus primeiros experimentos e esboços antes mesmo de me vincular ao meio acadêmico, passando logo após, para minhas experimentações e descobertas ao iniciar o curso de Artes Visuais Bacharelado na Universidade Federal de Goiás. Caminho por este percurso a fim de demonstrar todo o meu processo e como este se deu até minha produção atual, a qual se iniciou de uma forma mais nítida com a primeira grande obra *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo*, a qual será totalmente dissecada durante este capítulo, onde falarei sobre o processo de produção, significados, pesquisa e também os caminhos os quais esta produção me apresentou.

No segundo capítulo, *Eu, o outro e a natureza*, discorro sobre como se deu minha pesquisa e poética após a finalização de *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo*, onde, em meio a dúvidas e incertezas que ficaram como resquícios de uma produção que ainda precisava encontrar bases sólidas em minha mente, procurei entender como se dá o processo artístico e de alguma forma compreender os caminhos os quais minha produção seguiria naquele momento. É aqui onde entendo

gradativamente minha poética e processo artístico e percebo meu interesse em investigar e mesclar as questões do eu, que permeiam minhas vivências pessoais, do outro, que abarcam as relações humanas e como estas se dão em relação a mim e ao mundo natural, e da natureza e de suas relações no antropoceno.

Para o terceiro capítulo, *Surrelações*, falo sobre as obras e séries que surgiram desta minha caminhada de autoconhecimento e amadurecimento enquanto artista, apresentados detalhes sobre o processo de produção e poética contida em cada uma das 11 pinturas produzidas durante esta pesquisa.

No quarto e último capítulo apresento uma panorâmica do meu progresso e evolução enquanto artista ao final desta pesquisa, mencionando premiações e exposições que aconteceram de forma paralela ao trabalho e produção.

Com certeza esta pesquisa é uma grande jornada de autodescoberta, regada por tentativas, erros, acertos e compreensão de meu próprio processo artístico, uma compreensão que caminhou e ainda caminha simultaneamente com o fazer e a prática.

1. A primeira obra

Início aqui uma jornada através de minha produção artística e minhas vivências, em busca de um conhecimento próprio, onde pretendo entender não somente minha produção como artista, mas também todas as questões que perpassam o processo percorrido durante o ato criador.

Partindo desta minha busca por autoconhecimento, inicio minhas investigações a partir de minhas produções e incitações artísticas iniciais, como também minha poética e questões de interesse que circundavam estas primeiras experimentações. Em seguida, durante este capítulo, demonstro como gradativamente esta produção inicial me levou a criação de minha primeira grande obra intitulada *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo*, onde explico todo o processo de produção e também todo o significado e pesquisa contido na obra, além de mostrar o quanto esta também foi importante para minha evolução e produção.

Sempre me interessei fortemente pelo figurativo e também pelas cores, linhas e suas possibilidades de criação, as quais me fascinam desde os momentos antes de me vincular à universidade. Muitas de minhas primeiras investidas partiram de referências que acredito serem muito comuns entre jovens artistas que dão seus primeiros passos. As histórias em quadrinhos, por exemplo, são meu principal ponto de partida onde me interessei pelo desenho, anatomia, perspectiva, cenários, composição e sequências narrativas, e partindo disso muito de meu conhecimento técnico foi se formando ainda mesmo neste período, principalmente a partir de estudos (Figuras 1 a 3). No entanto, é apenas na graduação onde busco muitas outras bases para todo este fascínio e onde ampliarei minhas perspectivas e técnicas enquanto artista. É neste momento onde entro em contato com os mais diversos tipos de materiais artísticos e me ponho a investigar novas possibilidades. E o que antes se continha apenas no desenho a lápis, agora se ampliava para diversas outras mídias e materiais, como a tinta a óleo, aquarela, tinta acrílica, nanquim, carvão e até mesmo argila e objetos cotidianos. Muitas novas portas se abriam e caminhos eram revelados, mas claro, eu não seguiria por todos eles, na verdade este foi um momento de experimentação e descoberta onde conseqüentemente eu viria a escolher os materiais e técnicas que mais me agradassem.

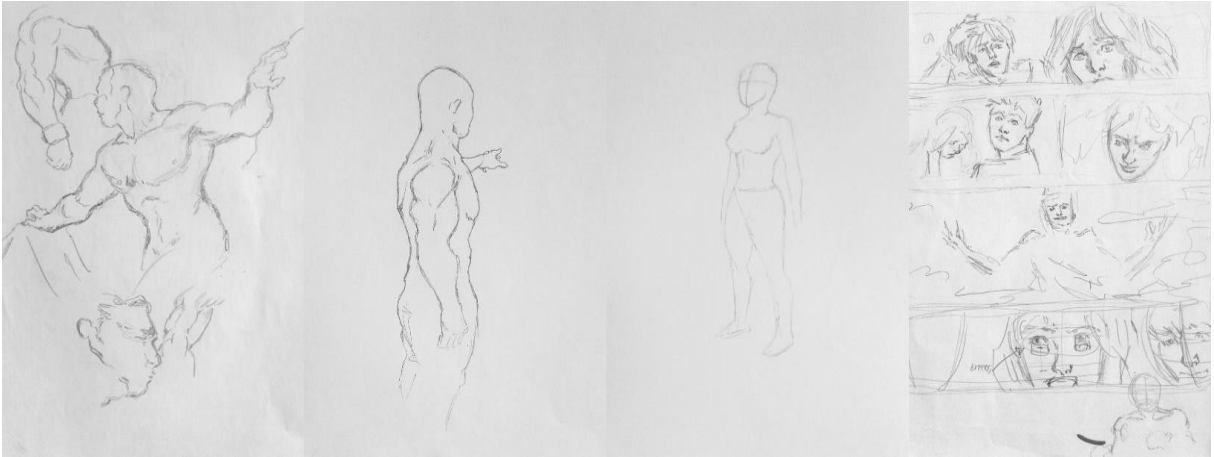


Figura 1 – *Esboços e estudos em grafite sobre papel.* 2016. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm (cada).

Fonte: Acervo do autor.

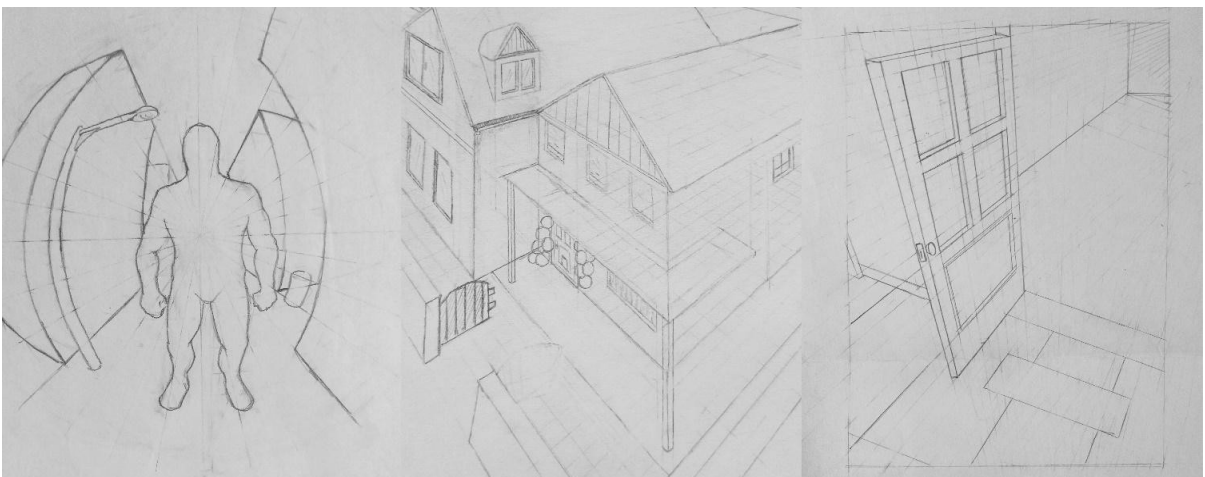


Figura 2 – *Esboços e estudos em grafite sobre papel.* 2016. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm (cada).

Fonte: Acervo do autor.

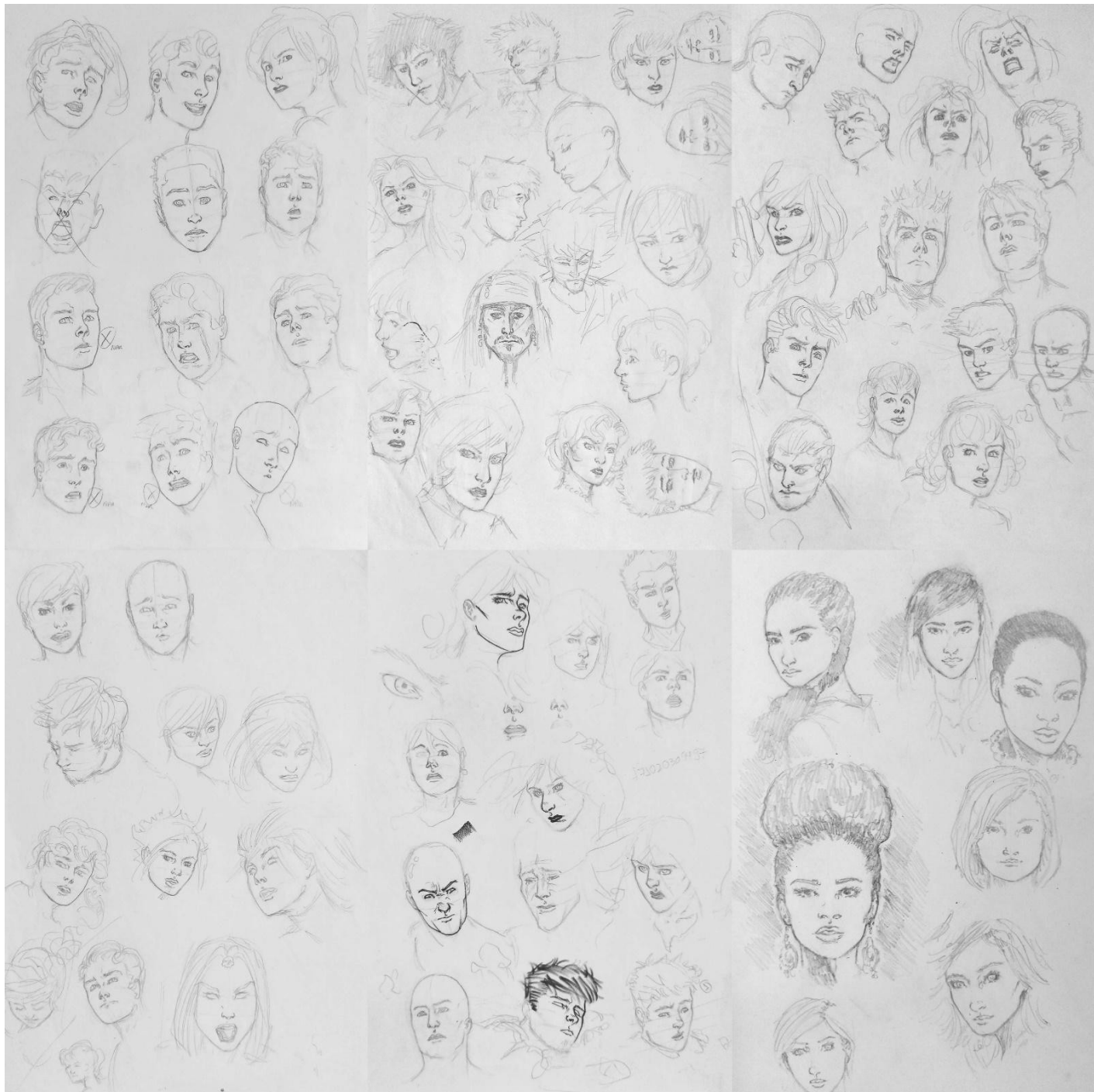


Figura 3 – *Esboços e estudos em grafite sobre papel.* 2017. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm (cada).

Fonte: Acervo do autor.

Tendo estas possibilidades em vista, comecei os primeiros estudos com formas geométricas básicas, testes de gradações tonais e teoria das cores (Figuras 4 e 5), inicialmente apenas com o intuito de testar os novos pincéis, tintas e papéis que, naquele momento, eram um território tão novo para mim. Não demorou muito para começar também com os primeiros estudos figurativos, onde coloquei em prática um pouco do conhecimento técnico que eu já trazia comigo, mas também todas as diversas novidades que eu aprendia naquele momento. Assim surgiram produções onde eu começo a explorar as técnicas de luz e sombra, uso de cores, estudos anatômicos e composições, usando a aquarela, nanquim, grafite, carvão, tinta acrílica e a óleo (Figuras 6, 7 e 8). Neste instante percebo os materiais que mais me agradam e gradativamente vou me aprofundando um pouco mais nestes. Inicialmente o desenho, em especial o desenho com bico de pena e canetas nanquim, foram meus principais focos de estudo, mas com o tempo também acabei adquirindo apreço pela pintura, principalmente a pintura óleo e a escultura em argila.

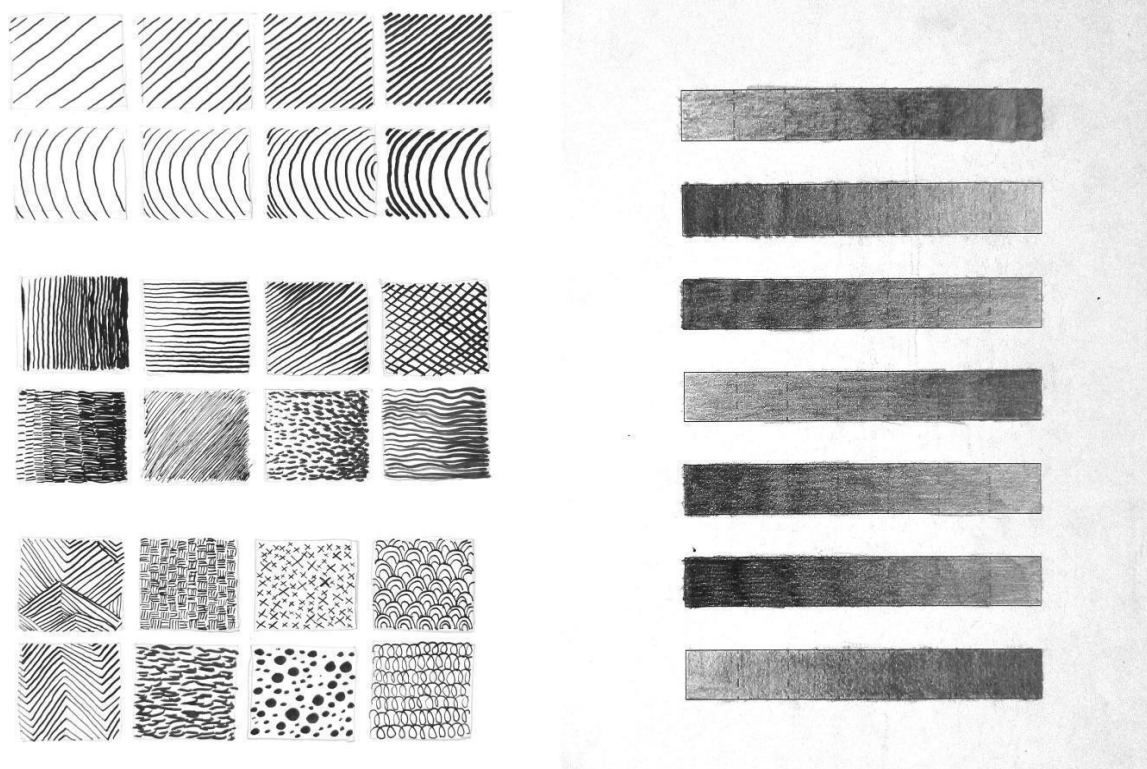


Figura 4 – *Estudos de gradação e hachuras*. 2019. Grafite e nanquim sobre papel. 21 x 29,7 cm (cada). Fonte: Acervo do autor.



Figura 5- *Estudos de cores e formas*. 2019. Aquarela, tinta a óleo e objetos cotidianos (barbante, papel colorido e plástico) sobre papel. 21 x 29,7 cm (duas primeiras imagens acima) 29,7 x 42 cm (imagem abaixo). Fonte: Acervo do autor.



Figura 6 – *Estudos partes do rosto humano*. 2019. Aquarela sobre papel. 21 x 29,7 cm (cada). Fonte: Acervo do autor.



Figura 7 – *Estudos de figura humana*. 2019. Grafite, carvão, nanquim e lápis de cor sobre papel. 29,7 x 42 cm (cada). Fonte: Acervo do autor.



Figura 8 – *Estudos de figura humana, paisagem e cenário*. 2019. Tinta a óleo, nanquim, e tinta acrílica sobre papel. 21 x 29,7 cm (cada). Fonte: Acervo do autor.

Durante o meu percurso acadêmico, enriqueci simultaneamente meu entendimento prático e teórico sobre arte. As disciplinas me conduziram a uma exploração mais profunda da história da arte, incluindo estudos de autores renomados como Ernst Gombrich, notavelmente por meio de sua obra *A História da Arte* (2013), uma leitura breve e básica, porém essencial, onde os principais acontecimentos, eventos e movimentos da arte são apresentados de forma clara, se tornando um material muito importante e enriquecedor. Cada descoberta de novos artistas, obras e movimentos têm ampliado meu conhecimento, permitindo-me identificar complexas conexões artísticas ao longo do tempo. Dessa forma, começo a entender e conhecer diversas possibilidades de expressão e comunicação na arte e como estas são abrangentes, principalmente em nossa contemporaneidade. E é nesse mesmo momento onde descubro a força da poética e do discurso artístico dentro da produção artística e assim começo a tentar aplicar estes fatores em minhas próprias produções.



Figura 9 – Sem título. 2019. Grafite e aquarela sobre papel. 29,5 x 21 cm (cada). Fonte: Acervo do autor.

Partindo disso, minhas primeiras tentativas de expressão e criação de uma poética própria começam a surgir, ainda muito tímidas, confusas e sem uma definição sólida, mas que com certeza serviram de alicerce para minha produção artística atual. Na Figura 9 apresento uma de minhas primeiras produções em grafite e aquarela, onde, de alguma forma, tento expressar algum sentimento ou emoção. A essa altura ainda era difícil até mesmo para mim, enquanto criador, entender o que eu queria comunicar naquele momento, mas a cada nova tentativa algo maior surgia. Assim, continuo minhas investidas ainda transitando entre os materiais, mas neste momento eu já havia selecionado os que mais me interessavam, como o grafite, o nanquim, a tinta a

óleo e a argila, e assim nasceram produções como a pintura a óleo, *Contido por olhares* (Figura 10), as séries de desenhos em caderno de artista, feitos com bico de pena e nanquim (Figura 11) e também as esculturas em argila (Figuras 12 e 13). Gradativamente, uma identidade ia se formando em minhas produções, e logo percebo minha preferência por criar personagens e seres, e através destes, insinuar sentimentos e diálogos. Assim surgem os globos oculares, os quais começam a se repetir em várias obras, juntamente com os personagens e corpos em suas mais diversas poses e interações. Algo em minha produção emergia, e, apesar de ainda não entender perfeitamente ou sequer ter segurança total de meu trabalho, logo percebo o quanto em minha produção, naquele momento, o assunto se voltava para mim.



Figura 10 – *Contido por olhares*. 2019. Óleo sobre tela. 40 x 50 cm. Fonte: Acervo do autor.



Figura 11 – *Sem título*. 2020. Nanquim sobre papel. 21 x 15 cm (cada). Fonte: Acervo do autor.



Figura 12 e 13 – *Sem título*. 2020. Escultura em argila. 20 x 20 x 30 cm (esquerda), 15 x 20 x 16 cm (direita) Fonte: Acervo do autor.

Algumas questões pessoais relacionadas as minhas vivências são bastante recorrentes em meus primeiros trabalhos, no entanto, levei um certo tempo para perceber como isso estava presente na minha produção e como influenciaria em minhas obras futuras. Basicamente todos os aspectos que comecei a acrescentar em minhas obras apresentadas até o momento partiam de necessidades próprias de falar sobre questões pessoais que me afligem e interferem em minhas vivências, como a ansiedade e a fobia social, dois grandes problemas que sempre me afetaram e influenciaram na maneira como eu enxergo e reajo às pessoas e ao mundo a minha volta. A ideia do outro, neste momento, começa ligeiramente a aparecer, uma vez que percebo o quanto minha ansiedade e fobia se atrelavam a como eu imagino o que as pessoas julgam e pensam sobre mim. A partir disso surgiam os globos oculares, por exemplo, que como na obra *Contido por olhares*, englobam e sufocam o homem que sofre com o peso do julgamento que recai sobre ele através destes olhares. Sendo assim os personagens e os seres que criava, de certa forma, refletiam em como eu me sentia, sem necessariamente apresentarem minha imagem.

Apesar de naquele período eu perceber que havia uma necessidade própria em falar sobre os meus sentimentos e entender os mesmos, para mim ainda não era o suficiente, uma grande dúvida e insegurança em relação à minha produção enquanto artista continuava pairando minha mente e sentia que ainda precisava não somente condensar e organizar minha produção em algo mais sólido, como também me atentar a conhecer e absorver novas referências.

É então neste momento onde meu olhar começa a se voltar às referências à minha volta, e descubro então obras, artistas e escritores que serviram como principais bases para o crescimento de minha própria produção, inspirando e guiando meu processo artístico. Jean Giraud Moebius (1938 - 2012) será um destes primeiros artistas. Conhecido por seus trabalhos em ilustração e quadrinhos, Moebius logo me chamou a atenção com seus desenhos em linhas e hachuras onde criava mundos incríveis com criaturas fantásticas diversas, construções arquitetônicas, paisagens mirabolantes e uma exploração fantástica do corpo e anatomia humana. Muito de suas produções acontecem principalmente a partir de situações reveladoras pelas quais o artista passa em suas vivências, em especial suas visitas ao deserto do México, que lhe marcam transformações pessoais e artísticas, “Eu vi o deserto em uma viagem de ônibus Greyhound e essa visão queimou meu cérebro para sempre” (Moebius *apud*

Gravett, 2011). É neste momento onde o artista entra em contato também com substâncias alucinógenas, em especial a Cannabis, não como uso recreativo ou por diversão, mas como ferramenta de criação e meio de aprimorar a criatividade. Aqui, muitos dos aspectos da exploração do inconsciente podem ser percebidos no trabalho de Moebius, em especial, gosto de apresentar um pouco de seu trabalho feito para o álbum *40 Dias no deserto B*, (Figura 14) onde o artista explora um pouco a visualidade do deserto e deixa toda sua criatividade e inconsciente criarem seus mundos com seres e personagens mais distintos. Todos estes aspectos logo me chamaram a atenção e mal podia esperar para também criar meu próprio mundo.



Figura 14 - Jean Giraud Moebius. *40 dias no deserto B*. Página 54. 1999. Fonte: Matt Bluemink / Blue Labyrinths.

Compartilhando de aspectos semelhantes, o surrealismo é um dos movimentos artísticos que mais me influenciaram também neste início. Uma das principais vanguardas da arte moderna, este movimento artístico, para mim, trouxe uma grande liberdade criativa e representativa. Para Stangos (1991, p. 91), em *Conceitos da arte moderna*, “[...] o surrealismo aboliu o veto que o Dadá tinha aplicado à arte e eliminou a necessidade da posição irônica dadaísta, devolveu ao artista a sua razão de ser sem impor, ao mesmo tempo, um novo conjunto de regras estéticas.” Assim, o

surrealismo culminou na criação de obras incríveis que navegarão sobre os mais diversos aspectos possíveis da representação figurativa, adotando, segundo Jordão (2018, p.112), “[...] a noção de absurdo, acaso e irracionalidade”, transplantado direto do futurismo, e a “atmosfera onírica”, advinda da pintura metafísica, a qual é muito bem descrita pelo autor, ao mencionar as pinturas de De Chirico, e como suas características seriam, futuramente, incorporadas pelo surrealismo:

[...] constroem espaços vazios e misteriosos. Também as figuras humanas são colocadas nesta perspectiva obscura e misteriosa; carregam um forte sentimento de solidão e silêncio, tratadas como silhuetas, imóveis, vistas de costas ou de muito longe. É esta atmosfera de sonho, ou de pesadelo, os horizontes longínquos, os elementos incongruentes, que iriam impressionar os futuros surrealistas, e seriam incorporados sobretudo nas imagens de Salvador Dalí (Jordão, 2018, p. 112).

Desse modo, é possível perceber como esta vanguarda dará visualidade a este universo da mente humana, chegando até mesmo, como caracteriza Stangos (1991, p.91), a “abranger todos os espectros da atividade humana, com o objetivo de explorar e unificar a psique humana, englobando áreas até então negligenciadas da vida, como o sonho e o inconsciente.”. Todos estes aspectos começavam a me interessar fortemente a medida em que eu conhecia novos artistas deste movimento e também os que absorviam do mesmo, como Dorothea Tanning, com suas obras fantásticas e mundos repletos de mistério e tensão, (Figura 15), e também Miles Johnston, com suas composições incríveis e repetições fascinantes (Figuras 16 e 17).

Tudo isso fervilhava em minha mente que ansiava pela criação e por dar vida a algo que até aquele momento eu ainda não sabia o que era e nem como fazer surgir. A insegurança ainda pairava os arredores de minhas tentativas de produções, e sentia que minha poética ainda estava incompleta, ou que pedia por mais peças. No entanto, é também nesse instante onde entro em contato com as mais diversas referências literárias, o que me levou a conhecer uma das obras mais importantes para mim neste período inicial enquanto artista. Esta obra se trata de *O ponto de mutação*, de Fritjof Capra, uma leitura importante e que deu início a um grande avanço em minha produção como um todo.



Figura 15 - Dorothea Tanning. *Eine Kleine Nachtmusik*. 1943. Óleo sobre tela. 40,7 X 61 cm. Coleção Tate modern. Fonte: Dorothea Tanning / DasArtes.



Figura 16 e 17 - Miles Johnston. *Tempestade*. 2019. Óleo sobre tela. (Esquerda) Miles Johnston. *Projecção*. Grafite sobre papel. 2019. (Direita). Fonte: Miles Johnston / Website.

Capra, em sua obra *O Ponto de Mutação*, entra bastante nas questões críticas em relação aos principais problemas do nosso tempo, envolvendo nossa sociedade e o planeta como um todo. O autor discute o processo de crise e transformação em que toda a humanidade se encontra, um real estado de mudanças perigosas, um ponto de mutação para todo o planeta. Em meio a tantas adversidades, ameaças nucleares,

super população, crises climáticas e ambientais, continuamos a favorecer sistematicamente apenas um lado, segundo Capra:

(...) o conhecimento racional prevalece sobre a sabedoria intuitiva, a ciência sobre a religião, a competição sobre a cooperação, a exploração de recursos naturais em vez da conservação, e assim por diante (Capra, 2012, p.37).

Assim, nos levando a pensar um pouco sobre todas estas ações que nos empurram a este desequilíbrio. Ao mesmo tempo, Capra, ao citar Chuang-tsé, também fala sobre um “constante fluxo de transformação e mudança” (Chuang-tsé *apud*, Capra, 2012, p.36), como uma característica essencial do universo, e nos guia também a pensar maneiras de encontrar o equilíbrio para todos estes problemas, deixando de enxergar o mundo como uma máquina de recursos infinitos, e percebendo-o como um grande sistema de ciclos que necessita de uma colaboração mútua.

Todas estas críticas e estudos da sociedade feitos por Capra despertaram em mim uma enorme sensibilidade, e desde então me vejo extremamente interessado em me aprofundar em novas investigações a respeito das relações dos seres humanos para com seu próprio planeta. Eu realmente estava determinado a explorar este assunto que de alguma forma a mim despertava um curioso interesse, mesmo no momento eu ainda não tendo plena ciência do porquê pesquisar o assunto e até aonde me levaria.

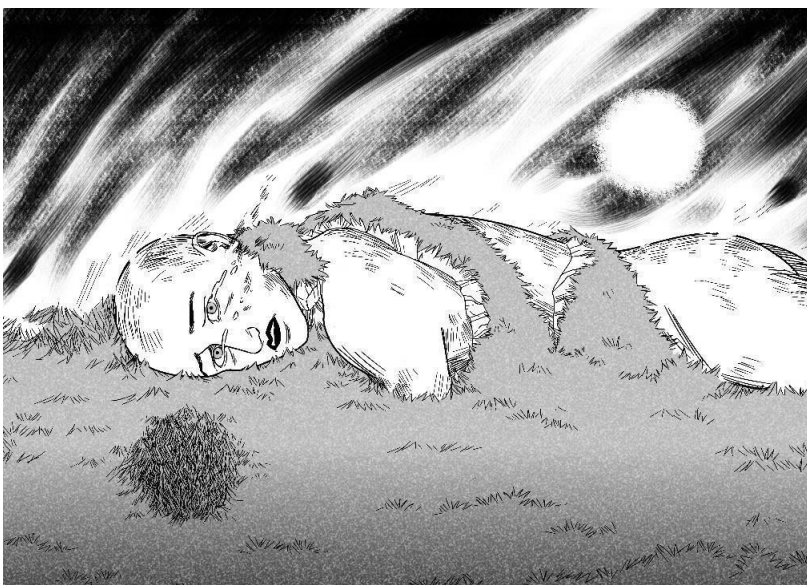
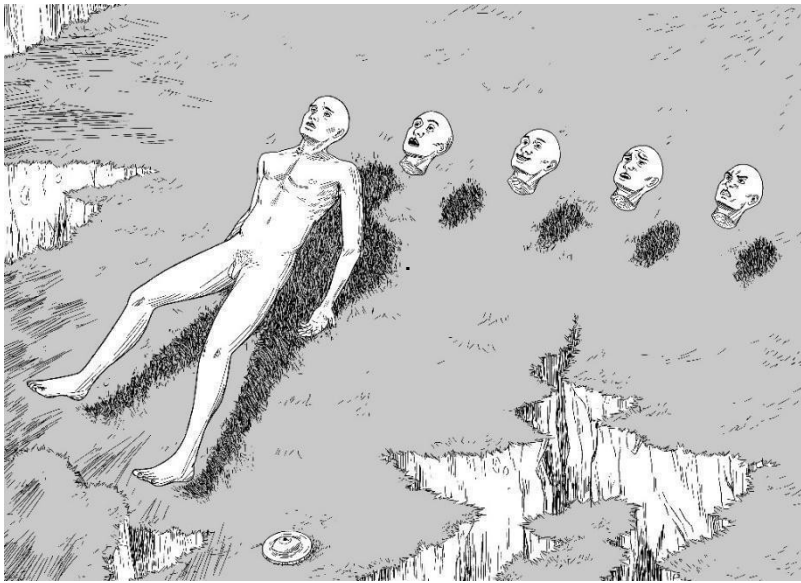
Sendo assim, comecei as minhas primeiras criações. Inicialmente produzi cinco desenhos digitais (Figuras 18 a 22), usei este meio para essas produções iniciais devido a uma disciplina que cursava no momento, *Arte e tecnologia*, onde era discutido exatamente as relações e possibilidades existentes entre a arte e os emergentes recursos tecnológicos. Porém, meu plano não envolvia o desenho digital, apenas foi utilizado nestas primeiras tentativas. Na verdade, o meu anseio era, a partir das técnicas que eu já vinha praticando, como a pintura, investigar e explorar estes novos seres e mundos fantásticos e surreais que começavam a surgir. Assim nascem as moedas com olhos (Figura 23), por exemplo, seres que criei pensando exatamente nas questões conflitantes das relações humanas, principalmente envolvendo a ganância e a exploração desenfreada, sendo os olhos o julgamento do peso dessas ações, que recaem sobre o homem. Além das moedas, várias outras ideias começaram a inundar minha mente nesse momento, e pouco a pouco criei esse pequeno universo, um universo distópico que começava a se desfazer com as

rachaduras que rompiam o chão, o fogo, a fumaça e também a visceralidade dos corpos que se contorcem, afundam e se dividem. Meu objetivo neste momento foi realmente explorar e expor um pouco das consequências destrutivas de nossas relações enquanto seres humanos, criando esse mundo onde eu poderia me expressar através desse universo que transcende o real.

Tendo estes primeiros experimentos como principal base, iniciei o planejamento de uma nova obra, esta que seria uma grande primeira produção. Decidi fazer uma pintura a óleo sobre tela onde criaria um mundo exatamente a partir desse universo que comecei a desenvolver. Dessa forma, fiz o primeiro esboço (Figura 24) de como imaginava essa obra até aquele momento. A ideia era criar um cenário distópico de fim de mundo que se ambientasse no Cerrado. Escolhi este bioma por ser um ambiente familiar para mim uma vez que nasci e cresci em uma região rural onde o contato com a vegetação, com suas árvores de troncos grossos e retorcidos, era algo muito comum em meu dia a dia. Os demais elementos foram acrescentados uns após os outros, na medida em que as ideias se organizavam.



Figura 18 – *Nem o “tarde demais” existirá.* 2021. Arte digital. Fonte: Acervo do autor.



Figuras 19, 20 e 21 – *Solitude e arrependimento*. 2021. Arte digital. (Primeira). Fonte: Acervo do autor. *Manto dos desejos*. 2021. Arte digital. (Segunda). Fonte: Acervo pessoal. *Ah equilíbrio, agora no último segundo eu te entendo*. 2021. Arte digital. (Terceira). Fonte: Acervo do autor



Figura 22 – *Oh deus, segure minha mão.* 2021. Arte digital. Fonte: Acervo do autor.

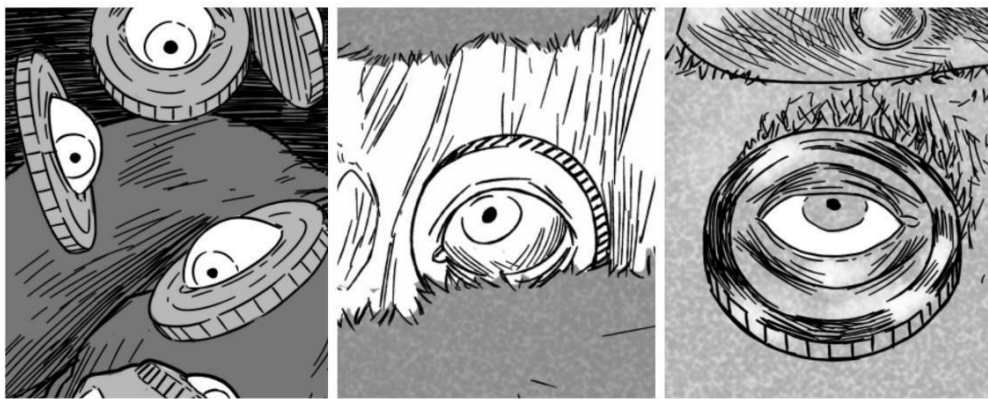


Figura 23 – Carlos Camilo. *Detalhe.* Fonte: Acervo do autor.

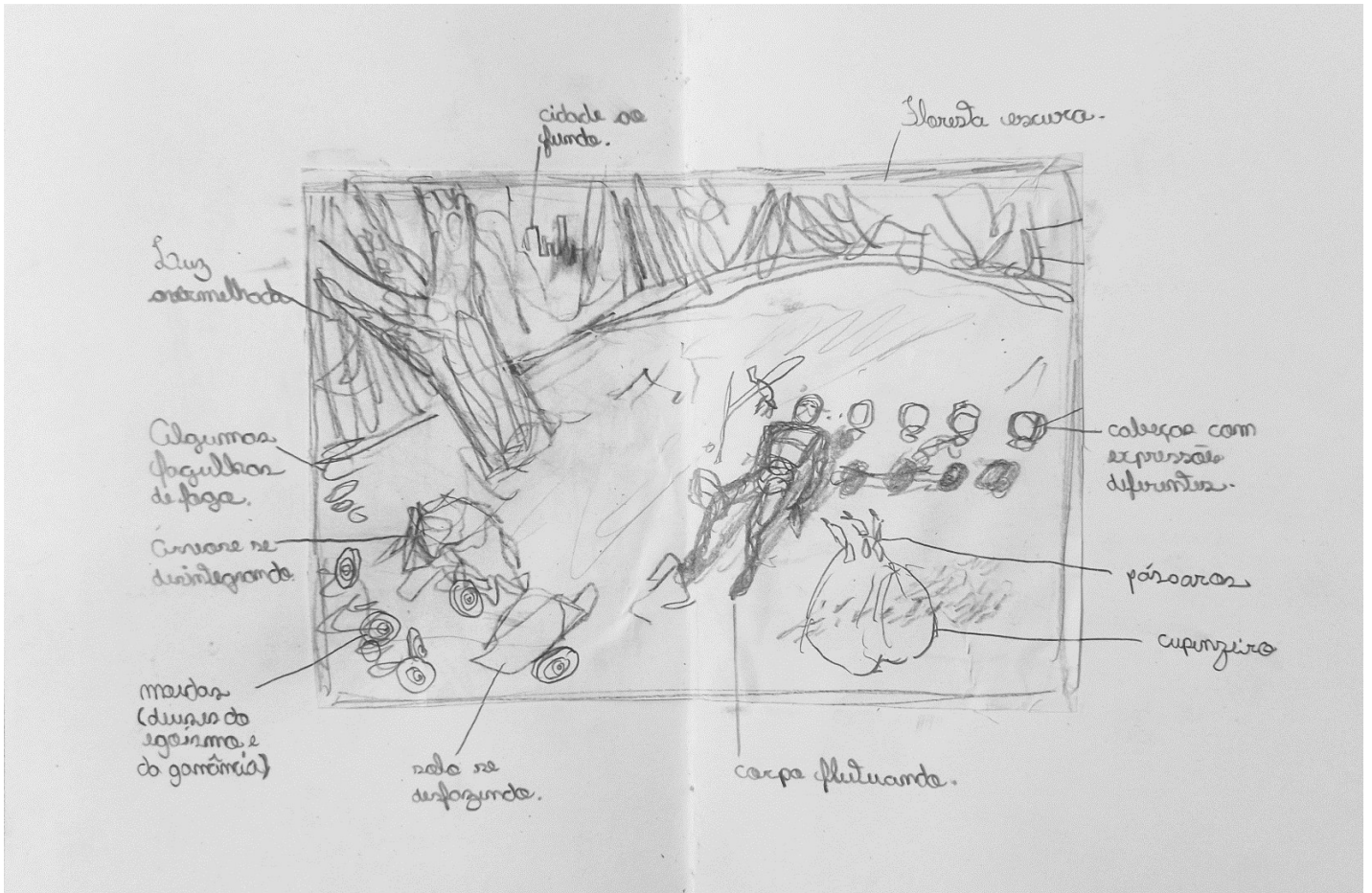


Figura 24 – Esboço inicial. 2022. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm. Fonte: Acervo do autor.

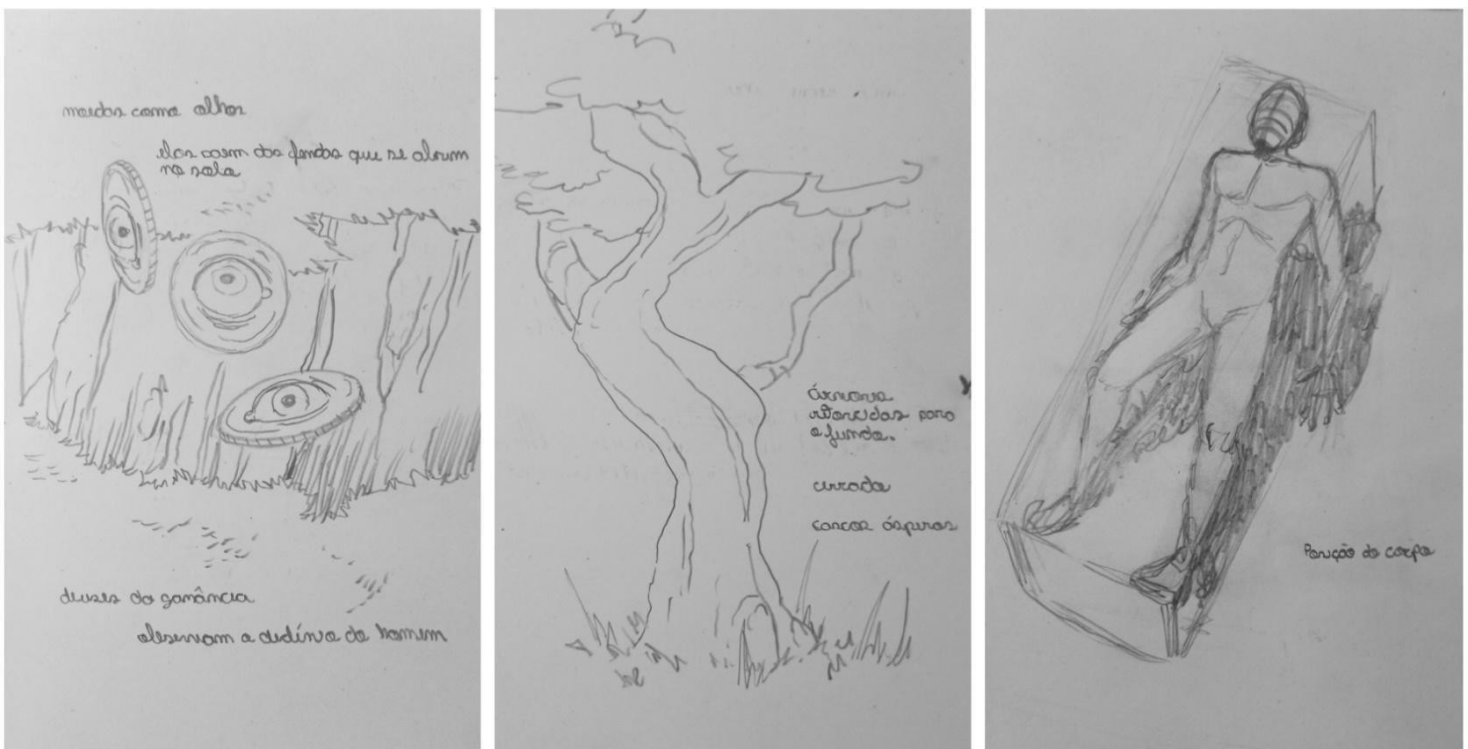


Figura 25, 26 e 27 – Esboços e anotações. 2022. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm (cada). Fonte: Acervo do autor.

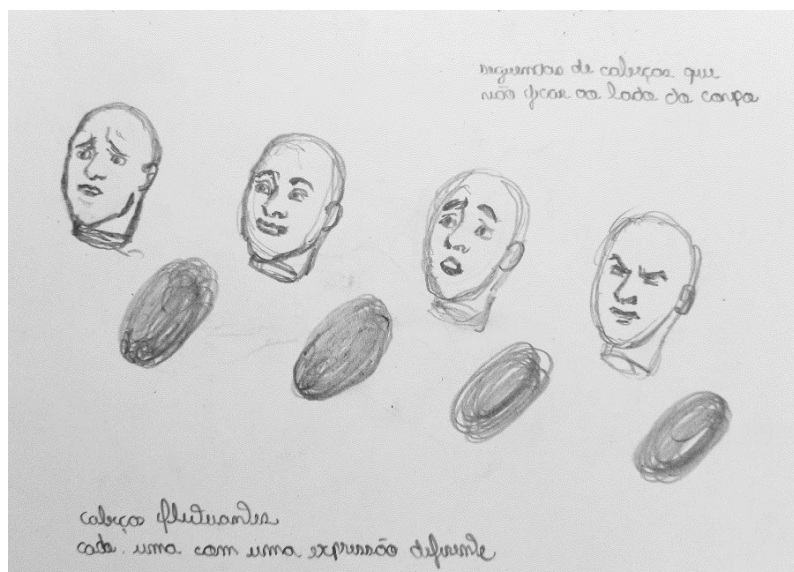


Figura 28 – *Esboço e anotações*. 2022. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm. Fonte: Acervo do autor.

O primeiro esboço ainda se encontrava extremamente simples e grosseiro, servindo apenas para dar uma primeira visão de como eu imaginava a tela. Nas etapas seguintes dei mais atenção aos detalhes e comecei a estudar e fazer algumas anotações de alguns aspectos que seriam abordados em certas partes (Figuras 25 a 28), e a cada nova etapa a obra ganhava mais vida. Boa parte dos estudos e da própria composição desta nova produção saíram exatamente dos cinco estudos anteriores aqui já apresentados (Figuras 18 e 19). Recortes como o homem flutuante com as cabeças decepadas flutuando em sequência, as rachaduras no solo e a moeda, estariam presentes na tela.

Em seguida, trouxe um segundo esboço ligeiramente mais detalhado da obra como um todo (Figura 29), afim de ter uma melhor noção da disposição de cada parte. Feito isso, estava pronto para iniciar a pintura, os demais detalhes, estudos e etapas seriam feitos durante a própria produção da tela. Minhas mãos ansiavam por segurar os pincéis e dar vida àquelas pastas de cores. Usei materiais comuns para a produção, como uma tela comum de tecido sobre uma armação de madeira com dimensões de 50 por 70 centímetros, pincéis de tamanhos e espessuras variadas, tubos de tinta a óleo, produtos para a dissolução e secagem da tinta, como a terebentina, o óleo de linhaça e o secante de cobalto, além de também me certificar de estar sempre com um pano para limpar os excessos de tinta. Com tudo em mãos, foi iniciado o processo de transferência do esboço para a tela.



Figura 29 – *Esboço*. 2022. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm. Fonte: Acervo do autor.

Comecei cobrindo a tela com um tom neutro usando uma camada transparente de tinta acrílica dissolvida em água, um processo conhecido como imprimatura, de forma que facilitasse a distinção de cores ao aplicar a tinta na tela, o que é ligeiramente mais difícil com a cor branca ofuscante da tela inicial. Em seguida demarquei com tinta os traços dos elementos que iriam compor a tela e logo em seguida preenchi as primeiras camadas com cores bases. Esta pintura foi feita em camadas, de forma que os elementos que estariam em último plano seriam pintados primeiro, já os elementos que viriam nos planos seguintes seriam pintados em sequência, sempre do último plano para o primeiro. Sendo assim, iniciei pelo último, este que representava uma área de vegetação. Nas Figuras 30 a 35 é possível ver um pouco da sequência das etapas destas camadas.

Muitos meios de referência e solução foram usados durante o processo, e para este início a fotografia foi minha principal aliada. Dessa forma, para o fundo, onde pensei em colocar uma mata densa e com alguns troncos retorcidos, fotografei matas e troncos próximos a minha casa para usar como referência (Figuras 36 e 37). A próxima etapa foi começar a pintar. Todo o processo do início ao fim dessa obra foi feito através de técnicas básicas de luz e sombra, onde foi aplicada uma camada sólida de tom médio, e adicionadas novas camadas mais claras para dar luz e outras mais escuras para dar sombra, dando volume e profundidade às representações.



Figuras 30, 31, 32, 33, 34 e 35. De cima para baixo e da esquerda para a direita. *Processo de pintura em camadas*. 2022. Fonte: Acervo do autor.

Tendo isso em mente, a primeira parte da pintura começava a ganhar forma, e rapidamente boa parte do fundo já estava preenchido por folhas, galhos e árvores. Ao olhar com maior atenção é possível perceber em etapas como aconteceu a maior parte do processo (Figura 31), onde, na zona esquerda superior é perceptível como a pintura ainda se mostra em suas primeiras camadas, com algumas folhas e galhos iniciais. Já na região superior central, é possível perceber as formas ganhando mais destaque e profundidade, e por fim, na parte superior à direita é onde já coloquei os últimos toques de luz, sombra e detalhes, sendo essa sequência um exemplo de como toda a obra progrediu em cada uma de suas etapas. Com o fundo pronto em seguida adicionei alguns troncos uma camada a frente (Figura 32), usando para estes a mesma técnica, iniciando com um tom médio e em seguida adicionando tons de luz e sombra.



Figura 36 e 37 – *Fotografias autorais*. 2022. Fonte: Acervo do autor.

Com a camada que ficou mais ao fundo pronta, era a vez da que viria logo em seguida a frente. Dessa vez fiz toda grama que fica à frente da mata ocupando boa parte da pintura (Figura 33). Este foi um processo demorado uma vez que foi feito folha por folha com um pincel redondo e de espessura bem fina até preencher todo o espaço. Com essa parte finalizada, agora as rachaduras no solo seriam o próximo objetivo. Nas figuras 34, 35, 38 e 39 mostro as sequências do processo dessa parte, onde, seguindo a mesma ideia de camadas e tons, adiciono cores mais vibrantes e terrosas, dando um certo contraste entre a grama verde e estas fendas que se abrem no solo.



Figuras 38, 39, 40, 41, 42 e 43. De cima para baixo e da esquerda para a direita. *Processo de pintura em camadas*. 2022. Fonte: Acervo do autor.

A esta altura boa parte da pintura já se encontrava pronta, e apenas mais alguns planos faltavam mais à frente. No entanto, antes de prosseguir para as camadas posteriores, tive que regredir para outra que acabei deixando passar. Essa camada se trata do horizonte ao fundo no canto superior esquerdo da pintura onde eu queria colocar um cenário distópico com um céu nublado e tons alaranjados (Figura 40). Como referência acabei usando imagens encontradas na internet (Figura 44), o que demonstra um pouco da pluralidade de meios que usei para a concretização desta obra. Por não ter feito esta camada logo no início tive algumas dificuldades, já que foi preciso manchar um pouco da pintura que já se encontrava finalizada e em seguida pintar novamente por cima para poder dar acabamento.



Figura 44 – *Cenário digital*. Fonte: deposiphotos.

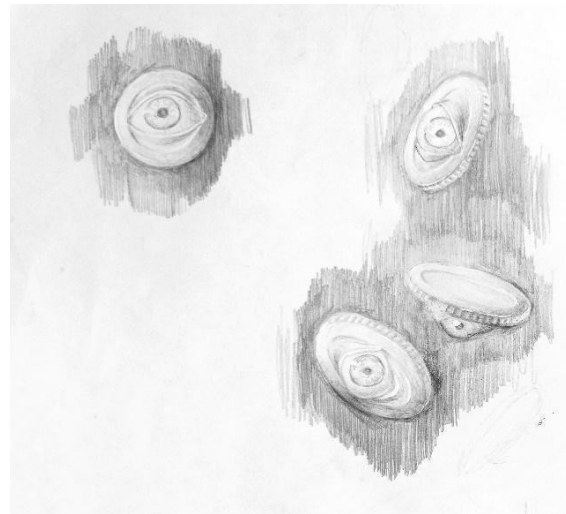
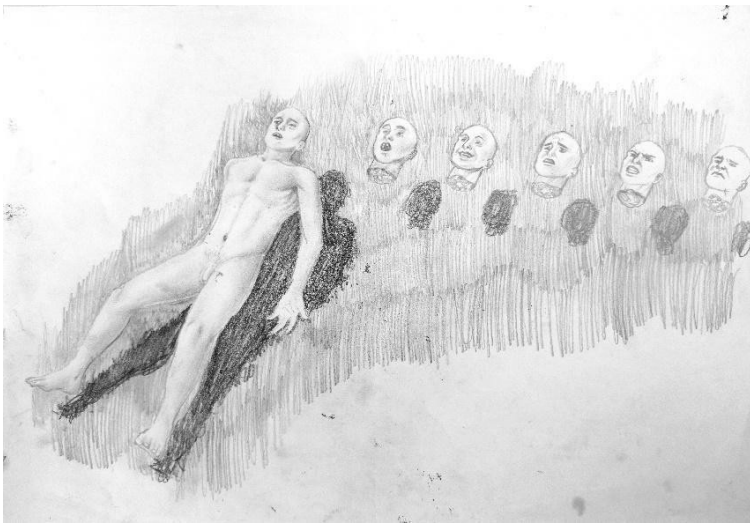
Agora faltavam apenas os elementos que viriam em primeiro plano. Prossegui com a pintura do tronco de árvore quebrado que sofria o dano das rachaduras violentas que cediam o solo. Para essa parte novamente utilizei referências fotográficas autorais (Figuras 45 e 46) afim de entender as cores e as formas da casca quebrada da árvore. E assim mais uma etapa desta obra se iniciava (Figura 41), e com as mesmas técnicas usadas anteriormente o tronco estava finalizado (Figura 42).



Figuras 45 e 46 – *Fotografias de troncos quebrados*. 2022. Fonte: Acervo do autor.

A próxima etapa foi o corpo flutuante e as moedas com olhos, estes seres que emergem das rachaduras do solo e se arrastam em direção à figura humana. Esta

parte me exigiu um pouco mais de tempo e estudo, onde cheguei a fazer alguns desenhos para usar como referência (Figuras 47 e 48) e alguns testes de pintura para acertar as tonalidades e até mesmo a anatomia do corpo e o efeito dourado das moedas (Figuras 49 e 50). Feito isso, iniciei o processo que primeiro se deu pela finalização do corpo, em seguida das moedas e por último as cabeças (Figuras 43, 51, 52 e 53).



Figuras 47 e 48 – *Testes em desenho para referência*. 2022. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm (cada). Fonte: Acervo do autor.



Figura 49 e 50 – *Testes de pintura para referência*. 2022. Fonte: Acervo do autor.

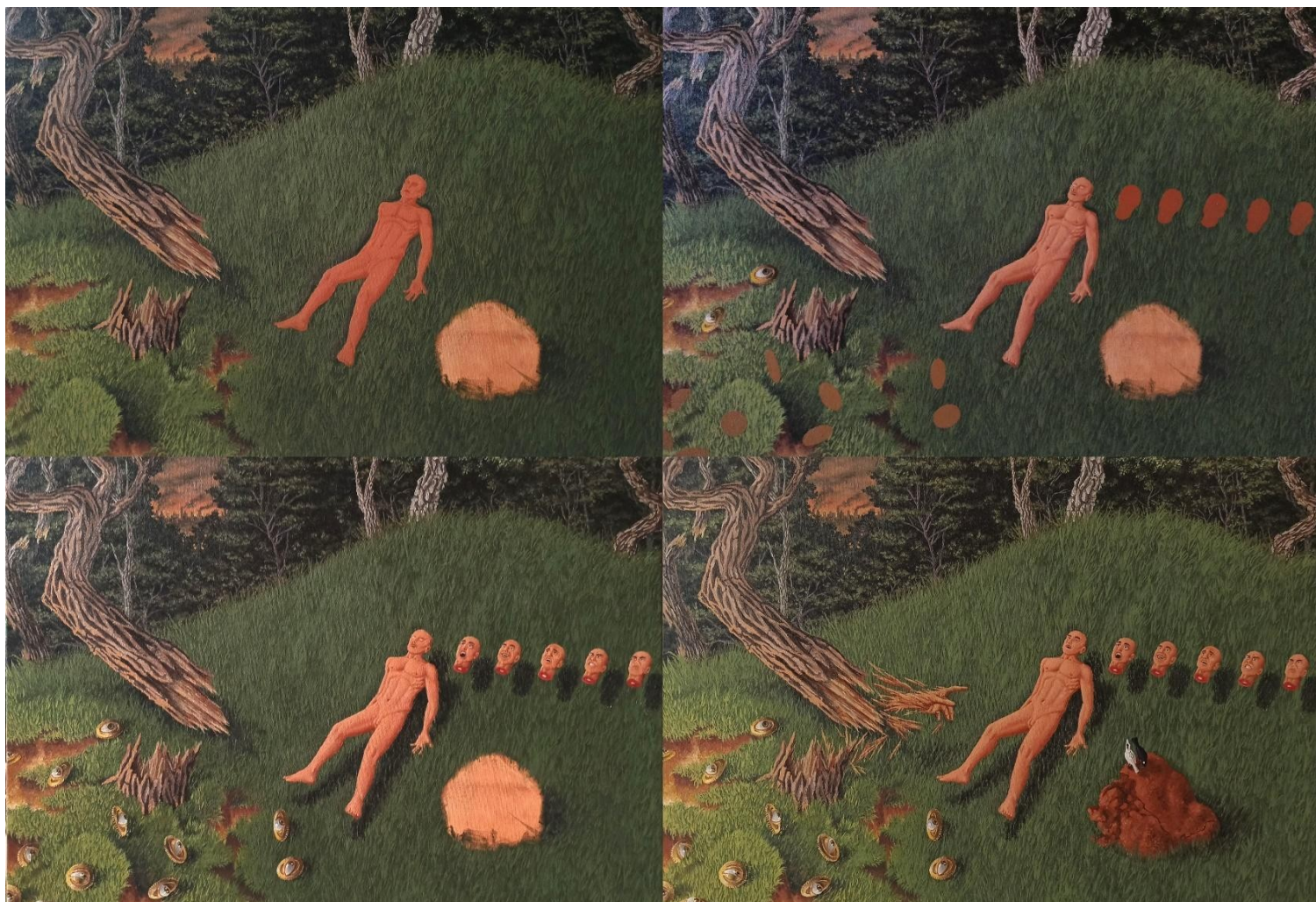


Figura 51, 52, 53 e 54 - De cima para baixo e da esquerda para a direita. Carlos Camilo. *Processo de pintura em camadas*. 2022. Fonte: Acervo do autor.

Por último, apenas dois elementos faltavam para a total finalização da obra e estes eram respectivamente o cupinzeiro em ruínas com os dois pássaros pousados sobre sua superfície e também a mão constituída de pedaços de madeira que se desprendiam da árvore quebrada, sendo que este último elemento não constava em meus primeiros esboços e planos e somente tive a ideia e a adicionei ao final da produção. Para o cupinzeiro usei novamente referências fotográficas feitas por mim, (Figuras 55 e 56). Já para dois pássaros usei apenas formatos básicos de aves, mudando apenas suas colorações em branco e preto. E mais uma vez, com os sistemas de camadas, luz e sombras, mais uma parte ganhava vida (Figura 54). Para a mão usei como referência uma das grandes pinturas de Michelangelo, *A criação de Adão* (figura 57), mais especificamente a mão de Deus (Figura 58) que busca contato com o homem. Com tudo finalizado, finalmente minha primeira grande obra tinha sido concluída.



Figuras 55 e 56 – *Fotografias de cupinzeiros para referência.* 2022 Fonte: Acervo do autor.

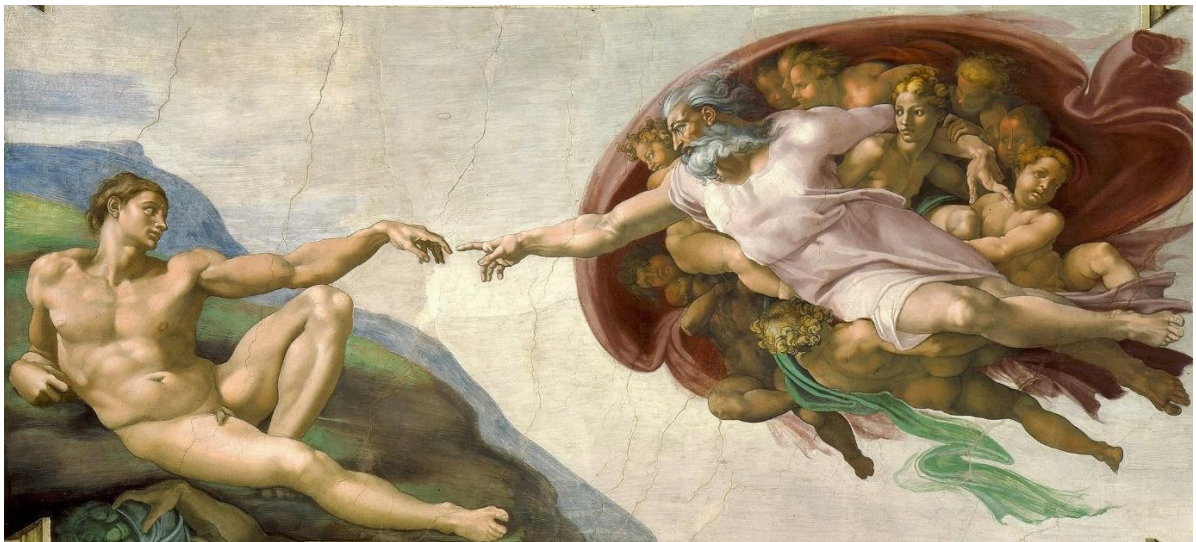


Figura 57 – Michelangelo. *A criação de Adão.* 1511. Capela sistina, Museu do Vaticano. Fonte: The sistine chapel.



Figura 58 – *Detalhe, imagem invertida da mão de Deus da obra "A criação de Adão" de Michelangelo em comparação com minha produção.* Fonte detalhe: Wikimedia Commons.

Foram seis meses de processo até a conclusão da obra, a qual intitulei de *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo*, (figura 59). Esta pintura foi um grande marco em minha produção enquanto artista, pois pela primeira vez senti que ali nascia uma grande pesquisa e muitas possibilidades. Cada uma das partes, além de levarem consigo todo o processo árduo de sua constituição, também traziam seus significados os quais pesquisei e elaborei durante todo o processo. Começando pela ambientação, optei por usar o bioma do Cerrado como minha principal referência exatamente por minha familiaridade com o tipo de vegetação, uma vez que, como já mencionado anteriormente, possuo vínculos de proximidade com o Cerrado por ter nascido e crescido bem próximo ao mesmo, o que desde cedo me influenciou e instigou a investigar e explorar um pouco mais da visualidade deste bioma. Partindo disso, reproduzo não somente as áreas de vegetação mais densas com galhos finos e espalhados, como também as regiões de mata mais baixa e com árvores de troncos grossos, retorcidos e cascas espessas. O cupinzeiro também fará parte dessa visualidade, sendo uma estrutura bem comum nesse bioma, encontrado principalmente em regiões de pastagem. Aqui trago o cupinzeiro como um símbolo de união, resistência e organização, mas que ao mesmo tempo se apresenta em ruínas exatamente como consequência dos desastres causados pelo desequilíbrio das ações humanas. Esta é uma questão muito bem abordada por Capra (2012) na obra anteriormente citada, onde o autor comenta sobre como as ações humanas tem se aproximado cada vez mais do desequilíbrio nos últimos anos e como é preciso reverter isso e atingir um ponto de maior equilíbrio. Ao abordar este tema, Capra também nos traz o conceito de *Yin/Yang*, um princípio chinês que aborda a questão das energias opostas e complementares, segundo o autor:

A terminologia *yin/yang* é especialmente útil na análise do desequilíbrio cultural que adota um amplo ponto de vista ecológico, um ponto de vista que também poderia ser chamado de concepção sistêmica, no sentido da teoria geral dos sistemas [...]. Essa teoria considera o mundo em função da inter-relação e interdependência de todos os fenômenos; nessa estrutura, chama-se sistema a um todo integrado cujas propriedades não podem ser reduzidas às de suas partes. Organismos vivos, sociedades e ecossistemas são sistemas (Capra, 2012, p. 41).

E é exatamente nisto que me inspiro para fazer os dois pássaros que repousam sobre o cupinzeiro, demonstrando o declínio dessa energia e de todo o equilíbrio tão

essencial para esses sistemas. “A ordem natural é de equilíbrio dinâmico entre o *yin* e o *yang*.” (Capra, 2012, p. 35)



Figura 59 – *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo*. 2022. Óleo sobre tela. 50 x 70 cm.

Fonte: Acervo do autor.

Na obra como um todo tento exatamente instigar uma reflexão sobre nossas relações enquanto seres humanos, demonstrando um cenário que contrasta entre uma paisagem intacta e a destruição que a consome lentamente, o que é percebido não somente no horizonte que apresenta um cenário distópico com um céu coberto por nuvens grossas e alaranjadas que cobrem uma cidade atribulada pela fumaça e o calor como também as rachaduras que consomem o solo revelando uma luz quente e que exala destruição. Dessas fendas que se abrem nascem criaturas que rastejam pelo chão, os *Deuses da ganância* como optei por nomear as moedas com olhos,

seres que ao mesmo tempo em que personificam o desejo humano de controle e posse, também julgam a humanidade por seguir este caminho. Na obra, as moedas se arrastam em direção à figura humana, esta que flutua levemente acima do solo e demonstra um semblante de relaxamento. Aqui busco colocar de frente as ideias de solidão, descanso e aceitação encarnados no homem flutuante que apenas aceita seu destino e tenta aproveitar os últimos segundos de vida restante diante do futuro catastrófico eminente, e contrastar com as 5 cabeças flutuantes que se multiplicam ao lado direito do corpo, cada uma com uma expressão diferente, de espanto, felicidade, medo, raiva e nojo, demonstrando um desejo de ainda querer viver e ter experiências em vida mas não podendo mais por conta de seu destino. Deste lado trabalho a ideia do arrependimento e da culpa, sentimentos que assolam a humanidade neste cenário e as cabeças que assistem as consequências de seus próprios atos sem o poder para fazer nada pois já é tarde demais.

Por último, a mão que sai e se forma dos pedaços quebrados da árvore merece uma análise específica. Como já mencionado, esta parte teve como referência a mão de Deus presente na obra *A criação de Adão*, de Michelangelo, e com isso trago também para essa obra discursos e reflexões que batem de frente com a ideia da religião, da natureza e da criação de Deus, aqui, uma criação destruída por outra.

Com minha primeira grande obra finalizada, claro, muito orgulho e satisfação tomavam conta de mim naquele momento, no entanto, eu sabia que este era apenas o início de uma jornada que ainda precisava de muito aprimoramento, pesquisa e evolução. Esta foi uma pintura onde coloquei tudo o que pensava e o que desejava discutir naquele momento, chegando até a ter um certo acúmulo de informações e diálogos em uma única obra. Mas claro, foi um acúmulo necessário, essa obra precisou existir para que eu pudesse entender como o meu próprio processo enquanto artista acontecia, ou pelo menos começar a entender. O caminho já estava visível, mas alguns obstáculos ainda me impediam de vê-lo com total nitidez. Algumas questões ainda gritavam em minha mente e sentia que até aquele momento eu não tinha total compreensão de minha própria produção artística e nem de como o processo artístico funcionava como um todo, e certas perguntas flutuavam em minha cabeça; como deveria seguir daqui para frente? Qual era, de fato, o assunto de minha poética? E, seria este o caminho certo?

Claro, muitas dúvidas tornavam aquele momento extremamente inseguro, mas agora, mais do que nunca eu tinha uma direção e objetivo para entender meu próprio percurso enquanto pessoa e artista, além de um grande desejo de continuar a criar novas obras e investigar este novo mundo que surgia. Uma real jornada de autoconhecimento no mundo da arte.

2. Eu, o outro e a natureza.

Solitude, segundo Hara Marano (2016, tradução nossa), “é o estado de estar sozinho sem ser solitário. É um estado positivo e construtivo de envolvimento consigo mesmo”. Até pouco tempo atrás nunca imaginaria como esta palavra teria um espaço tão grande em minha vida, na verdade, eu sequer a conhecia. Em vários momentos já me peguei vagueando e confabulando comigo mesmo, na maioria das vezes sozinho, no entanto, ao contrário da solidão, um estado negativo que insinua sentimentos de castigo, carência e descontentamento (Marano, 2016), nestes momentos eu não sentia a falta de algo, na verdade, apenas minha presença e meus pensamentos bastavam por alguns instantes. São momentos onde eu posso finalmente colocar meus pensamentos em ordem e entender o que se passa em minha mente, um real instante de conhecimento, ou melhor, autoconhecimento.

Somente depois de pensar e refletir sobre minha produção que começo a entender este aspecto da solitude e muitos outros que estão presentes em meu trabalho e é a partir desse instante, mais especificamente a partir da criação de *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo*, onde iniciei minha busca por aprofundar a compreensão de minha própria poética.

Até aqui, eu possuía apenas uma obra finalizada e um indício do que eu queria como artista, mas o caminho ainda era turvo. Muitas incertezas pairavam sobre a produção, e um grande pontapé inicial para começar a ganhar uma maior confiança foi entender a produção artística não como um caminho de verdades, acertos, regras e percursos imediatos, mas sim um processo de produção que passará por etapas até atingir o resultado que deseja ou pelo menos se aproximar do mesmo. A obra de Cecília Almeida Salles é importante ao se falar sobre processo artístico, dado que estará bastante presente nesta pesquisa, servindo como uma de minhas principais referências ao falar sobre o processo de criação me ajudando a entender o percurso artístico como um todo. Salles (1998, p. 39) menciona em sua obra *Gesto inacabado: processo de criação artística*, que “O artista não inicia nenhuma obra com uma compreensão infalível de seus propósitos”. É totalmente comum não ter uma completa ciência de sua própria obra ou até mesmo da produção como um todo, é preciso

espaço para desenvolvimento e crescimento. “[...] um longo percurso de dúvidas, ajustes, certezas, acertos e aproximações.”, afirma Salles (1998, p. 25).

Desse modo, um percurso de maturação se iniciava, e cabia a mim entender como funciona o processo artístico e o que eu produzi até o momento, e assim continuar esta mesma produção a fim de dar continuidade ao desenvolvimento. Para isso, me propus a criar uma quantidade específica de obras as quais eu dividi em 4 séries. As explicações sobre as séries serão mais aprofundadas no terceiro capítulo, no entanto, é importante introduzi-las brevemente neste momento a fim de mostrar como se deu o processo prático e teórico, feitos simultaneamente. Sobre isso, Sandra Rey tem a acrescentar:

O pesquisador produz seu objeto de estudo ao mesmo tempo em que desenvolve a pesquisa teórica. Ele precisa produzir seu objeto de investigação (sua obra) para daí extrair as questões que investigará pelo viés da teoria. (Rey, 1996, p. 89)

Voltando à solitude, como já mencionei, essa é uma palavra que chegou a mim há pouco tempo, mas já carrega uma grande importância e significado em minha produção. Diante da primeira obra, *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo*, me coloquei a pensar qual é o papel dessa palavra em minha poética como um todo. Uma palavra que descobri ao acaso enquanto pesquisava sobre solidão, mas que acabou chamando a minha atenção exatamente por me identificar com esse momento de reclusão onde uma pessoa está a sós consigo mesma, exatamente por já ter-me pego em estados de extremo transe e conforto ao me encontrar caminhando sozinho diversas vezes pelas estradas próximas a minha casa. Aqui percebo minha insistência em trazer e mesclar os assuntos e vivências pessoais em minhas obras, um desejo que trago desde minhas primeiras experimentações, onde abordava temas mais pessoais relacionados à fobia social, ansiedade e dificuldades de interação em um geral, e que agora se transmutam em uma espécie de abordagem mesclada. Menciono esse caráter de mescla exatamente porque, ao mesmo tempo em que, de alguma forma, trago questões pessoais para minhas obras, também me debruço sobre as questões das relações humanas para com o ecossistema.

Só comecei a ter ciência de todos esses aspectos no momento em que pude ver mais algumas de minhas obras à minha frente. Assim como afirma Rey (1996, p.87), o

artista “Descobre coisas que não sabia antes e que só pode ter acesso através da obra”. Por várias vezes comecei uma pintura antes mesmo de entendê-la totalmente. As obras que vieram logo após *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo*, foram respectivamente, *Sonho com conexão* (Figura 69) e *Nasce o destino do presságio*, (Figura 61), e a partir dessas novas produções começo a perceber um caminho mais sólido a se formar. Em *Nasce o destino do presságio*, continuei a explorar as relações humanas, e aqui, através do cupinzeiro, essa figura que volto a reproduzir, falo sobre as complexas e destrutivas ações antrópicas. Seja pela sequência de rachaduras no cupinzeiro ou pela moeda com olho que nasce em meio aos escombros, apresento uma reflexão sobre os desejos de posse e poder desenfreados do ser humano e como esses sempre refletem em quebra de ciclos.

Já em *Sonho com conexão*, continuo ainda nas questões das relações humanas, mas dessa vez evito uma perspectiva caótica e pessimista, e me coloco a pensar um pouco no lugar do homem no planeta. Dentro dessa reflexão logo chego na conexão, imaginando um mundo onde aceitamos nossa condição de parte de um todo, e alcançamos o equilíbrio. Segundo Ailton Krenak (2020, p.33), “Deveríamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo[...]”. Assim, diante de um ambiente cheio de árvores e plantas, imagino esse momento de conexão onde várias pessoas flutuam harmoniosamente entre a vegetação.

Com estas duas obras prontas, senti que minha poética; essa palavra que segundo René Passeron, citado por Rey (Passeron *apud* Rey, 1996, p. 84) se trata do “conjunto de estudos que se dirigem ao ponto de vista da instauração da obra, notadamente da obra de arte”; se apresentava agora cada vez mais sólida. Progressivamente o desejo por produzir crescia e conseqüentemente também por entender o que estava sendo produzido.

Logo após as duas últimas obras, algumas outras vieram em seguida, como é o caso de *Estranhos olhares com-sumidos* (Figura 80) e *Estranhos #1* (Figura 81). Nas duas continuo a explorar a relação humano x natureza, já admitindo este como um dos temas principais do meu trabalho. No entanto, até então ainda havia muita coisa para se desvendar e entender em minha produção, e é a partir destas obras onde começo a perceber certos outros aspectos os quais ainda não tinha parado para refletir e

relacioná-los. Em *Estranhos olhares com-sumidos e Estranhos #1*, retrato rostos humanos consumidos pela natureza, a vegetação cobre e se mescla aos seus corpos, revelando apenas suas feições frias e complexas. Percebo que os tons escuros, as sombras e o mistério acabam por se apresentarem em minhas produções sempre de alguma forma, seja através dos seres fantásticos, corpos em meio a natureza ou até mesmo a atmosfera densa e pouco iluminada. Muitos desses aspectos partiram primeiramente, claro, de minhas referências e bagagens absorvidas do surrealismo, mas também de uma preferência própria pela iluminação do final do dia, uma luz calma, aconchegante e misteriosa, luz que está presente em minhas caminhadas de solitude. E aqui novamente, como já mencionado, vida pessoal e obra voltam a se esbarrar e se mesclar em minha produção.

Ao refletir um pouco mais sobre o que já tinha produzido até o momento percebo como todo esse processo, onde cheguei e a poética a qual estou descobrindo se conecta em todos os sentidos de alguma forma. Percebo que a minha sensibilidade a respeito das relações humanas vem de minhas próprias experiências de vida, das dificuldades em me relacionar com outras pessoas e de minha relação de conforto e acolhimento com a natureza principalmente em relação as caminhadas de solitude, o que acabou me gerando uma vontade de entender como se dão as relações humano x natureza em um uma amplitude maior, e em explorar esse tema. Isso regado por uma sensação de falta, eu quero entender e explorar essa conexão e esse contato para de alguma forma mostrar para o espectador como eu me sinto e ao mesmo tempo também tentar entender esse sentimento de falta do outro. Essa sensibilidade se trata de uma “Necessidade de expressão no momento em que falta algo na vida” como menciona Salles ao citar Carlos Drummond de Andrade, (Andrade *apud* Salles, 1998, p. 53). Ainda de acordo com a autora:

Essas imagens que agem sobre a sensibilidade do artista são provocadas por algum elemento primordial. Uma inscrição no muro, imagens de infância, um grito, conceitos científicos, sonhos, um ritmo, experiências da vida cotidiana: qualquer coisa pode agir como essa gota de luz. O fato que provoca o artista é da maior multiplicidade de naturezas que se possa imaginar. O artista é um receptáculo de emoções. (Salles, 1998, p. 55).

Neste momento um terceiro aspecto começa também a se tornar mais visível em minha produção e discurso, a presença do “outro”. Seja pela minha busca constante

em entender as relações das pessoas para com a natureza e também a mim; ou da mesma forma, pelos rostos e corpos de outras pessoas que insisto em trazer, reviver e lembrar em minhas pinturas; o outro sempre acaba aparecendo de alguma forma, tornando-se não somente um detalhe, mas sim um dos aspectos principais das preocupações de minha pesquisa.

É aqui então onde chego em um entendimento mais complexo de minha poética, e descubro a relação entre o eu o outro e a natureza, uma relação que transpassa questões pessoais e sociais e de alguma forma se mescla gerando uma experimentação totalmente nova para mim. Estes três pilares acabam aparecendo hora ou outra em minha produção, seja totalmente misturado ou em maior ou menor porcentagem de uma obra para outra, mas sempre presentes de alguma forma nas entrelinhas de cada uma.

Entender estas relações em minha poética me colocou a pensar em qual o papel de minha produção em meio ao grupo de obras e artistas que investigam estas mesmas questões. As relações entre o ser humano e a natureza vêm sendo discutidas cada vez mais nas últimas décadas e a arte e os artistas tem absorvido estes diálogos e usado suas obras como meio de expressão, crítica e discurso sobre este assunto. Anna Maria Guasch, em sua obra *El arte en la era de lo global 1989-2015*, (2016) fala sobre a expansão da arte nas últimas décadas, e como esta foi afetada pela quebra de barreiras da globalização, se difundindo pelo globo e alcançando novas possibilidades. Além disso, Guasch (2016, cap. 4) também aborda os *Giros de lo global*, em tradução livre, as viradas globais, momentos de mudanças de paradigmas e acréscimos de reflexões sobre diversos assuntos emergentes agravados pela globalização e localizadas no antropoceno. A virada ecológica, segundo a autora, será um destes momentos, um evento que trará consigo diálogos, reflexões e ações direcionadas ao combate dos efeitos negativos causados pelo homem ao ecossistema. Neste mesmo momento desde os princípios do século XXI, os artistas começam a demonstrar respostas a estas crescentes emergências ecológicas que vêm ganhando força nas últimas décadas, buscando novas estratégias e práticas artísticas que visem não somente refletir, mas também pensar em soluções em frente a crescente degradação do mundo natural.

Neste sentido, muitas exposições se debruçam sobre o ativismo ambiental trazendo à tona preocupações sociais, econômicas, estéticas e ambientais. É neste período onde diversos artistas produzem obras que abordam as novas políticas ecológicas, estas que segundo Guasch, buscam:

[...] um mundo comum baseado na união de humanos e não humanos a partir da defesa da sustentabilidade econômica, da biodiversidade e de novos termos como o *ecovention*, que propõe soluções criativas em relação a degradação do entorno (Guasch, 2016, p. 205, Tradução nossa).

Dentro deste assunto, um grande exemplo a ser citado é a artista visual multimídia Patrícia Goúvea que cria obras que transitam entre questões e diálogos ligados a preocupações ambientais, principalmente em sua série *Sobrevida*. Como menção à esta série, a obra *Sobrevida #1* (Figura 60), em especial, me chama atenção e exala intimidade com o natural. A obra se trata de uma videoarte de duração de 1 minuto e 28 segundos contendo três gravações dispostas horizontalmente e exibidas de maneira simultâneas. Nas gravações é possível observar árvores que se movimentam em balanços suaves moldados pelo vento. Ao fundo, um som agudo e marcante chama a atenção, de acordo Goúvea (2023) se trata do Capitão-do-mato (*Lipaugus vociferans*), ave nativa da Amazônia e comum no Cerrado. O canto é como um mecanismo de defesa da floresta. A ave inicia seu canto quando um animal ou humano adentra seu território, se tornando um alarme poderoso que avisa sobre a presença do predador animal, ou também do destruidor humano. Uma obra que com certeza emociona ao trazer a sede de sobrevivência e resistência dos não humanos.

Voltando à minha produção, ao entender estas relações e perceber todo este movimento que vem sendo abordado por tantos artistas, uma grande questão surge em minha mente em relação a minha própria produção, será que o que faço se trata realmente de um ativismo ambiental? Para responder isto, gosto de citar um pouco dos pensamentos de Frans Krajcberg e Pierre Restany. Começando por Krajcberg, um artista visual polonês, naturalizado no Brasil e que produz trabalhos que tratam de alertar e denunciar os atentados contra o meio ambiente e o equilíbrio ecológico. Me fascina a relação de Krajcberg com a natureza, o artista isolava-se em florestas como lugar de refúgio, segundo palavras dele, citadas por Fabrício Fernandino:

Detestava os homens. Fugia deles. Levei anos para entrar na casa de alguma pessoa. Isolava-me completamente. A natureza deu-me a força, devolveu-me o prazer de sentir, de pensar e trabalhar. De sobreviver. Quando estou na natureza, eu penso a verdade, eu falo a verdade, eu me exijo verdadeiro (Krajcberg *apud* Fernandino, 2014, p. 263).

É interessante, também, como Krajcberg reconhece a estética da natureza brasileira, que, segundo Fernandino, o artista:

[...] defende a ideia de que o artista brasileiro tem na natureza uma possível forma de originalidade expressiva, sendo desnecessário copiar formas e padrões estéticos importados, os quais não nos dizem muito de nossa sensibilidade como povo e nação.” (Fernandino, 2014, p. 267).

A estética e visualidade do Cerrado é um dos pontos que também gosto de trazer em minhas obras como possibilidade de uma originalidade expressiva, e para mim, este bioma, um dos maiores do Brasil, tem grande significado, não só por sua beleza e por estar sempre presente em meu dia-a-dia e em minha vivência como habitante do Centro-Oeste, como também por me atraírem os formatos tortuosos e a configuração caótica e ao mesmo tempo homogenia e suave; as cores em suas mais diversas variações de verdes, ocres, amarelos, laranjas, marrons cinzas e tantas outras e também a diversidade das plantas e animais que compõem esse rico sistema. Além disso é também essencial frisar a importância de manter vivo a visualidade desse bioma expondo suas riquezas e importância, uma vez que, além de conter uma fauna e flora extremamente ricas, também carrega um grande título de essencialidade, uma vez que abriga importantes nascentes em sua área, com rios que beneficiam oito entre as doze bacias hidrográficas brasileiras, recebendo o título de “caixa d’água do Brasil” (Bandeira; Campos, 2022, p.399). E claro, ao se falar de suas características, é indispensável trazer à tona também os perigos os quais o Cerrado enfrenta, já que, só em setembro deste ano, 2023, o desmatamento no bioma cresceu 60,5 % em relação a 2022, segundo Guaraldo ao citar dados detectados pelo SAD Cerrado (Sistema de Alerta de Desmatamento do Cerrado) (2023) foram 83 mil hectares de vegetação nativa derrubados, número 242% maior que o registrado em 2021. Com certeza estes são dados desastrosos e que se repetem todos os meses e todos os anos, as consequências são cada vez mais preocupantes e está mais do que na hora de se falar sobre as relações humanas e a natureza e como elas estão se dando nos

últimos séculos, relações estas nem sempre regadas por um equilíbrio e que precisam ser refletidas e repensadas.

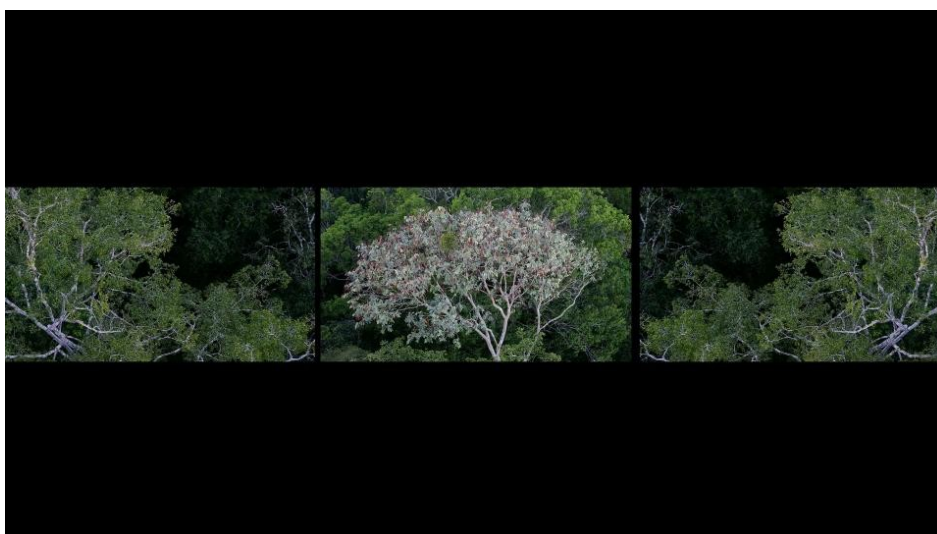


Figura 60 – Patrícia Gouveia. *Sobrevida #1*. 2017. 1'20". Vídeo 4k. Reserva Florestal Adolpho Ducke, Amazonas. Fonte: Site Patrícia Gouveia.

Com minha produção imersa em questões que flertam de tal forma com o ativismo ambiental, penso se estaria correto me adequar nestes aspectos. E sim, com o tempo comecei a me perceber como ativista, não de uma maneira objetiva, mas subjetiva, focando muito mais nos sentidos. Muito destes pensamentos devo a Pierre Restany, um grande crítico de arte francês, que, após conhecer Krajcberg e refletir juntamente sobre questões ambientais, cria a expressão “Naturalismo Integral”, a qual o crítico define como uma disciplina de sensibilidade, um retorno à sensibilidade da natureza. Segundo Fernandino (2014, p. 276), ao comentar um pouco sobre o naturalismo integral, “Trata-se de lutar muito mais contra a poluição subjetiva do que contra a poluição objetiva – a poluição dos sentidos e do cérebro contra aquela do ar e da água”. Me atento a abordar temas ambientais sempre a partir de uma perspectiva das relações e da intenção entre as pessoas, tentando sempre entender estas relações ou somente expô-las a fim de gerar reflexões.

Assim, finalizo boa parte dessa caminhada e busca por autoconhecimento com muitas descobertas e um maior grau de entendimento do meu próprio trabalho e de minha própria poética. Entender um pouco do funcionamento e do ritmo do processo artístico em um geral foi essencial para obter calma diante dos desafios, dúvidas, erros e

acertos. No entanto, apesar de o caminho estar bem mais claro, a evolução não cessa por aqui, a poética muda, se refaz, melhora e a produção continua. No terceiro capítulo apresento mais alguns resultados desta pesquisa, obras de igual importância para meu processo de autoconhecimento, além de me adentrar um pouco mais no processo de produção prática.

3. Surrelações

Como mencionado no capítulo anterior, abordo agora em profundidade as obras realizadas neste percurso de autodescoberta, expondo a pesquisa teórica, a reflexão e o processo prático das produções.

Assim que coloquei em continuidade minha produção a fim de entender cada vez mais meus reais objetivos e minha poética, senti um caminho cada vez mais sólido. Cada obra feita durante esta pesquisa foi uma tentativa e um passo adiante, e à medida em que nasciam, traziam novas percepções sobre mim enquanto artista e pessoa. As obras pareciam se complementar de alguma forma, se corrigindo e tornando-se mais complexas. De acordo com Salles, algumas obras “[...]completam as outras, corrigem-nas ou repetem-nas, e também contradizem-nas” (1998, p. 39).

Dessa forma, ao total produzi 11 pinturas em tela, tendo a tinta a óleo como principal material. Separei essas produções em quatro séries distintas, mas que ao mesmo tempo conversam entre si. Seus títulos são respectivamente: *Surrelações humanas*, *Flutuações*, *Estranhos uns aos outros* e *Solitude sobre devaneios viscerais*. As séries são relativamente pequenas, mas ainda em aberto, possuindo de duas a três obras em cada uma, no entanto, são todas de extrema importância para meu percurso artístico.

Cada série e cada obra, passaram por processos até chegarem em seu resultado final, e nem sempre estes foram iguais entre si, cada produção teve seu percurso e prática, onde utilizei e experimentei variados meios de processo de criação a fim de encontrar algum que melhor respondesse às minhas expectativas. Segundo Salles, “A obra não é fruto de uma grande ideia localizada em momentos iniciais do processo, mas está espalhada pelo percurso. Há criação em diários, anotações e rascunhos.” (2014, p. 36). E assim fiz, experimentando rascunhos, esboços, fotografias, testes e entre outras etapas usadas como meio até chegar no estado final das obras.

Assim como o caminho de entendimento e pesquisa que construí para compreender a questão do eu, do outro e da natureza, ou seja, minha poética e pesquisa teórica, farei o mesmo agora ao narrar e explicar um pouco da trajetória e processo prático desta pesquisa, passando por cada uma das séries realizadas a fim de demonstrar

meu percurso realizado. É importante mencionar, antes de me adentrar nas séries, sobre o caráter caótico da ordem de produção das obras, uma vez que minha produção não se deu de forma uniforme e organizada, mas sim, seguindo um percurso de produção que fosse confortável para mim e que fizesse sentido no processo de experimentação que foi toda essa prática. Sendo assim, mesmo que adiante as obras sejam apresentadas de forma organizada em suas respectivas séries correspondentes, a ordem a qual foram produzidas não segue a mesma lógica, sendo que todas as obras foram feitas em ordens totalmente distintas, e a medida em que eu as produzia, elas iam sendo encaixadas em suas séries, dessa forma, algumas obras terão um intervalo muito grande de datação entre uma e outra mesmo sendo da mesma série, uma vez que, como mencionado, estas não foram produzidas em sequência. Segundo Salles, ao comentar um pouco sobre o caos:

Muitos artistas descrevem a criação como um percurso do caos ao cosmos. Um acúmulo de ideias, planos e possibilidades que vão sendo selecionados e combinados. As combinações são, por sua vez, testadas e assim opções são feitas e um objeto com organização própria vai surgindo. O objeto artístico é construído desse anseio por uma forma de organização. (Salles, 1998, p. 33)

Sendo assim, minha produção vai se dando nessa constante assimilação e encaixe, e a todo seu decorrer muitas mudanças, descobertas e agregações poderão ser vistas.

3.1 – Surrelações humanas

Iniciando com a apresentação das séries, *Surrelações humanas* é a primeira apresentada nesta pesquisa e é composta, até o momento, por duas obras, sendo estas, *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo* (Figura 59), obra já apresentada no primeiro e segundo capítulo, e também, *Nasce o destino do presságio* (Figura 61), a qual será abordada neste capítulo. Na primeira obra muitos assuntos e visualidades tinham sido introduzidos em minha produção, e como já mencionado, grandes possibilidades começaram a nascer a partir daquele momento. Foi onde iniciei minhas reflexões sobre as relações humanas e também meu interesse pelo Cerrado e pela criação de cenários, composições e seres fantásticos e surreais. Para dar continuidade à pesquisa e à produção como um todo, a próxima etapa foi continuar me aprofundando e criar novas obras a partir dessas novas possibilidades que surgiam, e assim acabei por me vincular a novos projetos acadêmicos como a

iniciação científica *Encruzilhadas contemporâneas: teorias e práticas em perspectiva global*, orientada por Paulo Henrique Duarte-Feitoza, onde pesquisei e absorvi novas fontes e dados que acabaram dando mais veracidade à produção como um todo, e é neste contexto em que surgiu a obra *Nasce o destino do presságio*.



Figura 61 – *Nasce o destino do presságio*. 2023. Óleo sobre papel. 24 x 24 cm (cada). Fonte: Acervo do autor.

A obra se trata de um políptico de seis pinturas a óleo sobre papel, e medem 24 por 24 centímetros cada. Nessa obra, decidi me debruçar um pouco mais sobre a figura do cupinzeiro ou termiteira, essa estrutura que me chama a atenção não somente por sua forma intrigante, mas também pela familiaridade, sendo facilmente encontrada na paisagem cotidiana. Dessa vez apresento a termiteira em uma sequência que demonstram as etapas de suas ruínas, revelando em seu interior a moeda com olho, novamente este ser surreal que emerge de entranhas e rachaduras. Esta obra parte de uma pesquisa sobre a relação entre os cupins, as áreas de pastagem e as ações antrópicas. Aqui, continuo a investigar a intrigantes relações humanas.

Citando meu relatório final para a iniciação científica (Camilo, 2023). “Ao olhar mais a fundo é possível perceber o cupinzeiro como um grande sinal de resistência, uma resistência que tem sido quebrada por mãos humanas.” A discussão que apresento ao me aprofundar neste assunto é de que os cupinzeiros na natureza têm não somente a função de proteção para os cupins, como também para diversos outros animais que os usam como abrigo principalmente diante de queimadas, estas que, apesar de ocorrerem de forma natural, também podem ser ocasionadas por ações antrópicas, nem sempre de forma controlada, gerando até mesmo efeitos negativos para os seres que se beneficiam desse ciclo (Merisse, 2010). Outro detalhe ao qual também me atento nesta pesquisa é a presença em grande escala de cupinzeiros em locais devastados por grandes áreas de pastagens, exatamente por que, ao retirar as áreas de vegetação desses locais, por consequência boa parte dos competidores e inimigos naturais dos cupins acabam sendo reduzidos, contribuindo para a proliferação dos cupinzeiros o que faz, consequentemente, com que estas estruturas sejam vistas como pragas e logo são destruídas e removidas destas áreas. Porém, as termiteiras têm uma função muito importante nestes lugares devastados, uma vez que várias espécies de cupins ajudam na decomposição e ciclagem de nutrientes, o que ajuda na renovação do solo (Oliveira, 2017). Em reflexão sobre estas relações, acabo por perceber uma grande complexidade, onde, mesmo após um ambiente ser totalmente alterado e danificado, os cupins ainda trabalham como resistência ajudando a renovar o solo que foi igualmente prejudicado. No entanto, o ser humano em sua sede por explorar e consumir, acaba por destruir essa resistência, desregulando ciclos naturais em busca de benefícios próprios. Dessa forma, na obra

o cupinzeiro atinge seu limite, sendo quebrado pela moeda, esse ser que personifica a ganância humana, e traz um mal presságio.

Ao falar sobre a poética e pesquisa teórica da obra é também indispensável trazer à tona seu processo de produção prático. Em *Nasce o destino do presságio*, o processo de criação se iniciou primeiramente a partir de uma auto inspiração que tive ao rever a primeira obra, mais especificamente o cupinzeiro (Figura 62) uma imagem que ainda me despertava o desejo de investigar mais a fundo. Este é um momento onde acabo usando minhas próprias obras como inspiração e referência para a criação de outra, fato que não acontecerá apenas uma vez em minha produção.



Figura 62 – Detalhe. *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo*. Fonte: Acervo do autor.

A ideia desde o início foi fazer uma espécie de sequência gradativa que ocorresse de uma pintura para a outra, transmitindo uma noção de continuidade. Tenho essa escolha somente como mais uma das heranças de minhas primeiras experimentações com a arte, principalmente relacionado às histórias em quadrinhos e suas características do uso de sequências narrativas para contar as histórias, como já citado no início do primeiro capítulo. Como na primeira obra, *Nasce o destino do presságio* também necessitou de esboços e ideias primárias, já imaginando as sequências, aparência e as formas das figuras que iriam compor as pinturas (Figuras 63 e 64). Já esboçando o cupinzeiro com as rachaduras crescendo lentamente de um desenho para o outro até se desfazer por completo, revelando a moeda em seu interior. Em seguida, como próxima etapa, decidi procurar algumas referências que achava importante para me basear no momento da pintura, dessa forma, me coloquei a fotografar alguns cupinzeiros quebrados (Figuras 65 a 66), a fim de entender como

as rachaduras e pedaços se aparentavam esteticamente, para então planejar a técnica, as cores e os pincéis os quais eu usaria no processo.

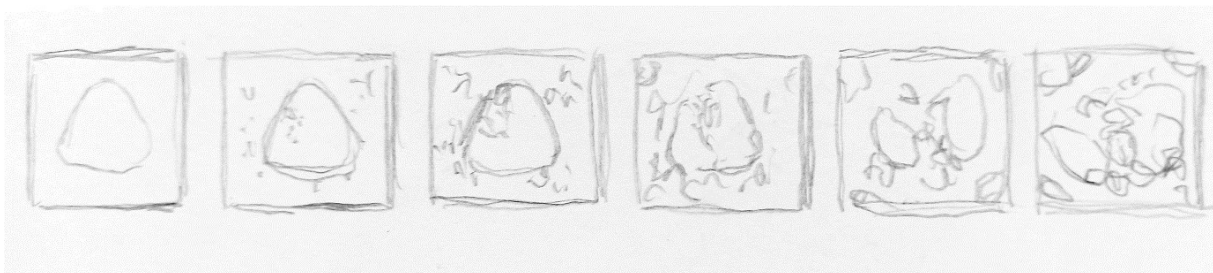


Figura 63 – *Esboços de Nasce o destino do presságio*. 2022. Grafite sobre papel. Fonte: Acervo do autor.

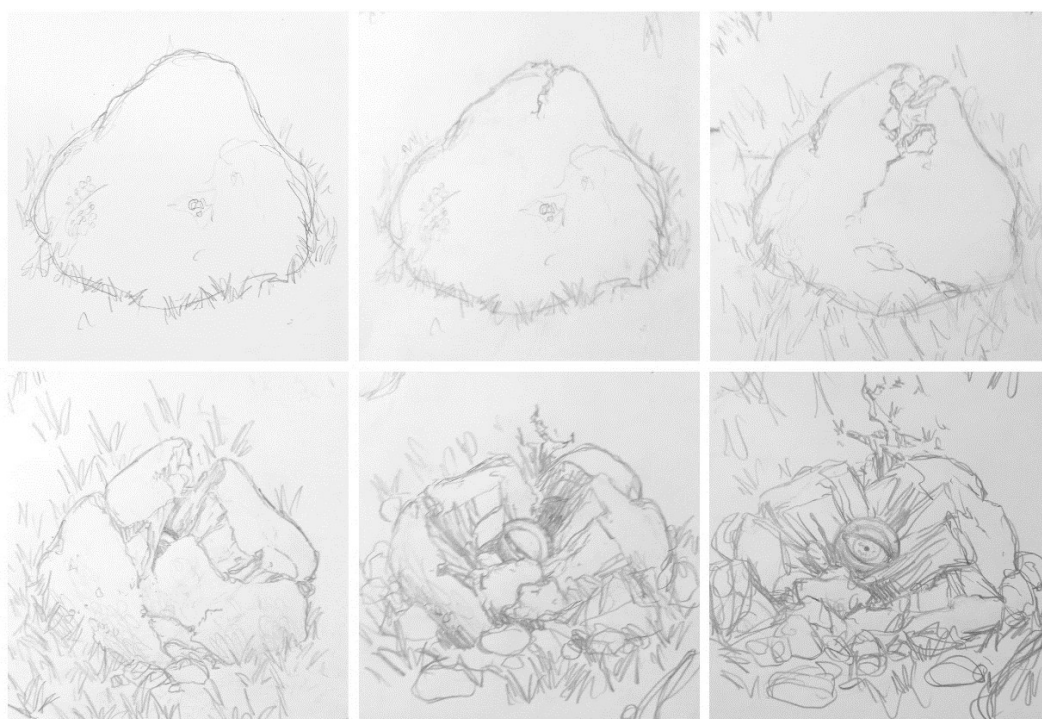


Figura 64 – *Esboços de Nasce o destino do presságio*. 2022. Grafite sobre papel. 15 x 21 cm (cada) Fonte: Acervo do autor.

Com tudo preparado, iniciei o processo de pintura, este que seguiu a mesma lógica da primeira obra, com camadas sobre camadas. Na Figura 67 é possível ver um pouco do processo de sobreposição destas camadas feita na primeira pintura do políptico. Ao todo foram necessários dois meses e vinte e um dias para finalização da obra, iniciada no dia 9 de novembro de 2022 e finalizada no dia 31 de janeiro de 2023. Com essa obra, uma grande evolução já era perceptível em meu processo, não somente na velocidade de pintura que agora estava bem mais rápida do que em *Solitude e*

arrependimento antes do fim do mundo, mas também no próprio uso dos materiais, me aventurando em novos pincéis com tamanhos diferentes (Figura 68) para alcançar uma maior gama de pinceladas e detalhes de forma mais ágil.



Figuras 65 e 66 – *Fotografias de cupinzeiros*. 2022. Fonte: Acervo do autor



Figura 67 – *Processo de camadas de Nasce o destino do presságio*. (Primeira tela). 2023. Óleo sobre papel. Fonte: Acervo do autor.

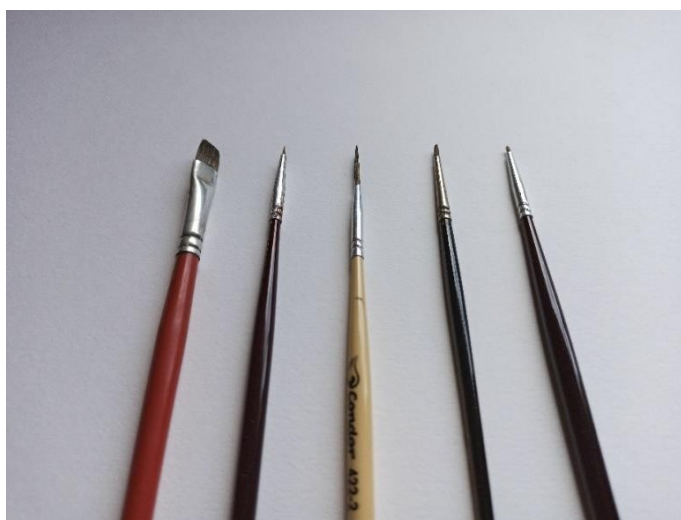


Figura 68 – *Pinceis utilizados na pintura das obras*. 2023. Fotografia. Fonte: Acervo do autor.

Assim, dentro de meus planos, *Surrelações humanas* foi a primeira série a ser completa. Uma série que demarca uma grande importância em minha produção, pois é a partir dela onde, além de começar a evoluir minha técnica, também dou mais corpo e conteúdo à minha pesquisa, e assim começo a entender os caminhos de minha produção e meu desejo em investigar estas tão surreais relações humanas.

3.2 – Flutuações

Apesar de *Surrelações humanas* ter sido finalizada primeiro, ao mesmo tempo em que estava sendo realizada, uma nova série também nascia. *Flutuações* começava a ser criada e fizeram parte dela duas novas obras, *Sonho com conexão* (Figura 69) e *Descanse na parte do todo* (Figura 70).



Figura 69 – *Sonho com conexão*. 2022. Óleo sobre tela. 60 x 80 cm. Fonte: Acervo do autor.



Figura 70 – *Descanse na parte do todo*. 2023. Óleo sobre tela. 70 x 150 cm. Fonte: Acervo do autor.

Sonho com conexão foi a segunda obra feita durante esta pesquisa, e é interessante observar o processo que percorri para concretizá-la. Diferente de *Solitude* e *arrependimento antes do fim do mundo*, a qual surgiu de esboços e ideias que juntas foram formando gradativamente a obra, em *Sonho com conexão*, iniciei o processo a partir de um devaneio, uma imagem que pude visualizar enquanto andava por uma de minhas caminhadas de solitude, e ao observar uma certa direção onde se localizava uma paisagem, pude imaginar a obra quase que concluída. Essa imagem, que logo registrei em uma fotografia, se tratava de uma área tomada por plantas, grama e uma palmeira de buriti bem ao centro (Figura 71). Sem entender totalmente, aquela imagem me chamou a atenção e quase que imediatamente me peguei imaginando pessoas flutuando em volta daquele buriti, em uma espécie de êxtase. Eu não sabia o porquê imaginei aquilo e nem o que significava, mas estava disposto a tornar real em uma de minhas pinturas. Aqui, o acaso se apresenta como uma das partes iniciais e essenciais do processo, onde, a partir de uma ação feita sem a intenção criadora, uma obra começava a nascer. Salles comenta que, “Há, também, momentos dóceis em que ideias, gestos, decisões parecem jorrar ou aqueles instantes que exigem do artista, simplesmente, acolher o acaso” (1998, p. 85). Sendo assim, decidi acolher esta inspiração e me coloquei a construir os primeiros esboços da obra, tentando representar a imagem que tinha visualizado em minha própria mente.



Figura 71 – *Fotografia para referência*. 2023. Fonte: Acervo do autor.

Não demorou muito e cheguei aos primeiros rascunhos para essa nova obra que surgia. Inicialmente feitos a lápis (Figuras 72 e 73), estes desenhos foram essenciais para começar a dar forma ao trabalho. Como próxima etapa era necessário um esboço mais nítido, este que foi transferido para a tela para dar início a pintura, e para essa etapa decidi recorrer a um recurso mais prático, o esboço digital. A essa altura de minha produção uma questão relacionada ao processo prático de produção me preocupava, o próprio tempo de construção da obra. Levando em consideração que em *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo* foram necessários cerca de seis meses para a sua finalização, contando com todas as etapas de produção, desde o rascunho até as últimas pinceladas, comecei a pensar em maneiras de tornar a produção mais dinâmica onde eu pudesse focar em aumentar minha velocidade e melhorar minhas técnicas. Foi pensando nisso que decidi usar recursos digitais durante o processo de esboço, a fim de tornar mais dinâmica a etapa de testes de composição, cores e elementos que comporam a obra, tornando o processo mais rápido e dando mais possibilidade de testes e combinações diferentes durante o esboço. Tudo isso devido à alta possibilidade de edição das plataformas digitais.

Talvez aqui esteja um pouco do que pude absorver da disciplina de Arte e tecnologia mencionada no capítulo 1. “O artista encontra os mais diversos meios de organizar informações, meios esses que atuam como auxiliares no percurso de concretização da obra e que nutrem o artista e a obra em criação” (Salles, 1998, p. 123)



Figuras 72 e 73 – *Rascunhos de Sonho com conexão*. 2023. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm (cada). Fonte: Acervo do autor.

Dessa forma, cheguei ao esboço final (Figura 74). Usei a própria fotografia como referência e desenhei os corpos flutuantes por cima, e em menos de uma semana já estava pronto para transferi-lo para a tela. Para a transferência utilizei a regra dos terços e então pude começar o processo de pintura. As etapas também seguiram a mesma lógica de camadas, como apresentado na Figura 75. Ao poupar tempo na etapa dos esboços, pude me concentrar totalmente nos detalhes, e assim, em três meses e seis dias, a obra estava finalizada.

Sonho com conexão foi iniciada no dia 24 de julho de 2022 e finalizada em 1 de novembro de 2022, já seu par, *Descanse na parte do todo*, foi iniciada somente no dia 3 de outubro de 2023 e finalizada em 24 de outubro de 2023. Precisei de um maior tempo de maturação entre uma obra e outra, sendo a segunda a última obra das 11 pinturas produzidas por mim. Esta obra, como na primeira, também partiu de uma ideia que tive ao visualizar uma paisagem, sendo novamente agraciado pelo acaso, onde também a registrei através de uma fotografia (Figura 76). E então todo o processo se repetiu, iniciando esboço em lápis (Figura 77), mas logo em seguida

também aproveitando os recursos digitais para criar uma referência mais elaborada (Figura 78). E então, todo o processo de pintura em camadas e planos (Figura 79). E assim, mais uma obra e uma série se encontravam finalizadas.



Figura 74 – *Esboço digital Sonho com conexão*. 2023. Fonte: Acervo do autor.



Figura 75 – *Processo de pintura de Sonho com conexão*. 2023. Fonte: Acervo do autor.



Figura 76 – *Fotografia para referência de Descanse na parte do todo.* 2023. Fonte: Acervo do autor.

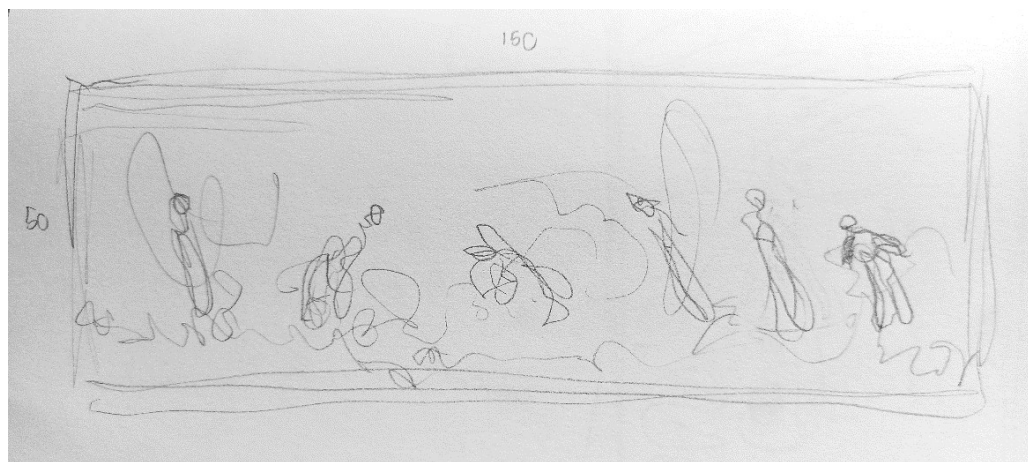


Figura 77 – *Rascunho de Descanse na parte do todo.* 2023. Grafite sobre papel. Fonte: Acervo do autor.



Figura 78 – *Esboço digital de Sonho com conexão.* 2023. Fonte: Acervo do autor.

Ao falar sobre a série *Flutuações*, mais especificamente sobre a poética que a envolve, foi de extrema importância navegar primeiro pelo processo prático das obras que a compõem, isto porque é essencial entender este processo para perceber como

as obras surgiram como um todo. Diferente de *Surrelações humanas*, em *Flutuações* não houve uma pesquisa inicial específica e individual para as obras, na verdade, elas nasceram a partir do que Salles chama de “Experimentações perceptivas impulsionadoras”:

[...] experiências percebidas ao acaso, fortemente marcadas pela visualidade, cujos resultados se mostram como possíveis geradores de obras. Uma possível proposta de obra se dá na relação com uma experiência perceptiva vivida de modo bastante intenso, no sentido que percepções geram experimentações. (Salles, 2014, p. 128)



Figura 79 – Processo de pintura de *Descanse na parte do todo*. 2023. Fonte: Acervo do autor.

No caso de minha produção, a experimentação perceptiva impulsionadora se deu através das experiências regadas ao acaso que tive durante minhas caminhadas, como já mencionei neste subcapítulo, quando percebi possibilidades de criação de obras onde, provavelmente, outros não veem da mesma forma. “Uma cena, que poderia ser vivenciada por outro sem ser dada grande importância, passa a ser pesquisada por ele com outras intenções.” (Salles, 2014, p. 128). Partindo dessa

experimentação que acabou gerando as duas obras, me coloquei a refletir o que toda essa experiência significou para mim, e foi assim que consegui entender essa série, mesmo já tendo concluído as obras. Em *Flutuações* continuo a trazer à tona as questões das relações humanas que eu já trazia na série anterior, mas dessa vez percebo que escolho refletir sobre uma perspectiva mais otimista, investigando não as relações destrutivas, mas sim, construtivas. Em *Sonho com conexão* e *Descanse na parte do todo*, busco a conexão com o natural, me ponho a imaginar o ser humano em êxtase e contato com o todo a sua volta, e assim trago os corpos que flutuam livremente em meio a natureza soltos para sonhar. Me aprofundando um pouco mais, resgato um pouco do que foi constatado no capítulo 2, onde comento sobre as relações mútuas entre o eu o outro e a natureza em minhas obras, e concluo que boa parte dessas duas obras que compõem as *Flutuações* está conectado a essas questões de alguma forma, isto é, a maneira que nasceram depois de uma ação tão cotidiana para mim, ação esta que está ligada à minha relação com a Solitude e vivências pessoais, e que acabo transmutando isso para as telas, seja nesse ambiente escuro, calmo e misterioso, ou nos corpos flutuantes que apesar de estarem próximos uns dos outros, não se relacionam diretamente nem fisicamente, todos envoltos em suas próprias solitudes, despidos de qualquer vestimenta, totalmente entregues e sem distrações, em busca de uma conexão com o todo.

Flutuações com certeza foi mais uma realização extremamente importante nessa caminhada artística de autoconhecimento, e a cada nova obra a produção se tornava mais clara, e sentia mais confiança no que fazia.

3.3 - Estranhos uns aos outros

É perceptível como gradativamente minha produção evoluía a cada obra, tanto em poética e pesquisa como na própria técnica. Cada nova pintura me mostrava novas possibilidades e também desafios, e não foi diferente com *Estranhos uns aos outros*, a terceira série aqui apresentada. Compondo essa nova série estão as obras *Estranhos olhares com-sumidos* (Figura 80) e *Estranhos #1, #2 e #3* (Figuras 81 a 83).

Nessa série, todas as obras produzidas estão interligadas de alguma forma, principalmente por terem sido feitas todas ao mesmo tempo sem um grande intervalo

entre uma e outra como ocorreu em *Flutuações*, mas também pela origem em comum que todas compartilham, origem essa que será mais aprofundada a seguir.



Figura 80 – *Estranhos olhares com-sumidos*. 2023. Óleo sobre tela. 100 x 150 cm. Fonte: Fotografias de Rubin Oliveira.

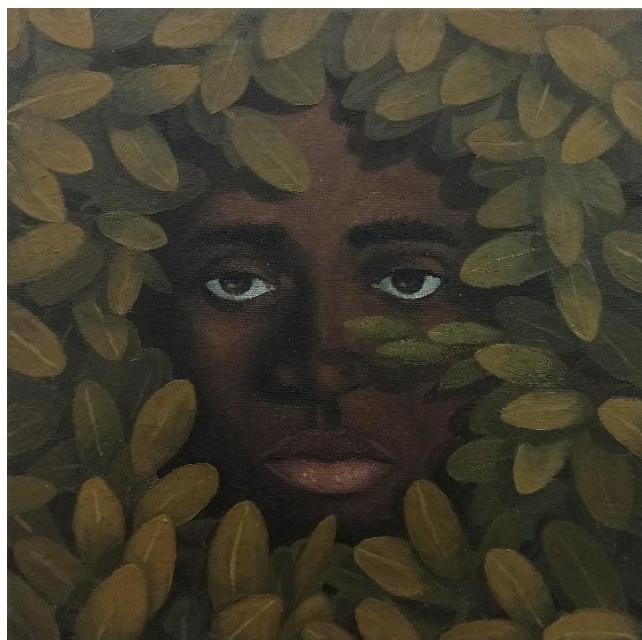


Figura 81 – *Estranhos #1*. 2023. Óleo sobre tela. 30 x 30 cm. Fonte: Acervo do autor.



Figura 82 – *Estranhos #2*. 2023. Óleo sobre tela. 30 x 30 cm. Fonte: Fotografias de Érico José da Silva



Figura 83 – *Estranhos #2*. 2023. Óleo sobre tela. 30 x 30 cm. Fonte: Fotografias de Érico José da Silva.

Em *Estranhos uns aos outros*, a ideia, inspiração e referência inicial se deu através de um estudo de pintura que fiz como exercício (Figura 84). Esse estudo foi feito inicialmente apenas com a intenção de fazer um treino de observação da árvore de buri, mas, assim como em vários momentos de minha produção, me deixei novamente guiar por minha mente e os mistérios do acaso e dos devaneios e assim

esse estudo acabou se desenvolvendo em algo maior. Inspirado pelos corpos flutuantes em meio a natureza feitos nas obras anteriores, decidi me aventurar um pouco mais nesta estética. Dessa vez imaginei corpos absorvidos pelas folhas e árvores, onde somente seus rostos estavam a mostra com feições neutras e apáticas. Logo, este estudo virou uma possibilidade de obra para mim e assim se iniciaram os esboços de criação das pinturas apresentadas na série deste subcapítulo.



Figura 84 – *Estudo em tinta a óleo*. 2023. Fonte: Acervo do autor.

A primeira obra feita foi *Estranhos #1*, uma pintura pequena de 30 por 30 centímetros onde me coloquei a explorar a ideia dos rostos em meio as folhas e árvores. Minha intenção era usar essa primeira pintura como teste para entender como ficariam aqueles rostos em tamanho real em uma tela, e assim iniciei os primeiros esboços. Nessa série optei por não usar os recursos digitais por não ser tão necessário, os esboços serviram apenas para me guiar brevemente, juntamente com algumas anotações que fiz também durante o processo (Figura 85). Rapidamente me coloquei a pintar, e em uma semana e quatro dias a pintura estava finalizada. Os resultados me agradaram e fiquei mais confiante para iniciar a obra seguinte, que sem dúvidas foi um dos meus maiores desafios.

Após *Estranhos #1*, a próxima obra foi *Estranhos olhares com-sumidos*, e esta foi a maior obra em tamanho produzida por mim até o momento, medindo 100 centímetros

de comprimento por 150 centímetros de altura. O tamanho certamente foi um grande desafio, não somente pela área a ser trabalhada na tela como também pelas próprias condições de meu local de pintura, uma vez que trabalho em um ambiente de pouco espaço e pintar em uma tela desse tamanho trouxe algumas limitações ao processo. Não somente isso, os produtos usados para a secagem e dissolução das tintas foram usados em uma maior quantidade devido ao tamanho da tela, o que possivelmente trariam mais alguns problemas em consequência dos componentes tóxicos que compõem estes produtos e que, se inalados, podem ser altamente prejudiciais à saúde. Sobre barreiras na produção, Salles comenta: “Limites internos ou externos à obra oferecem resistência à liberdade do artista. [...] O artista é incitado a vencer os limites estabelecidos por ele mesmo ou por fatores externos [...]” (1998, p. 64). Dessa forma, rapidamente me coloquei a pensar em soluções para estes problemas, onde acabei transferindo meu local de pintura para uma região mais aberta e espaçosa de casa afim de tornar essa produção possível. Claro, esta mudança trouxe novas dificuldades, como a adaptação ao novo local, este que é muito aberto sofrendo facilmente interferência do vento, mas que no momento foi a melhor solução disponível.

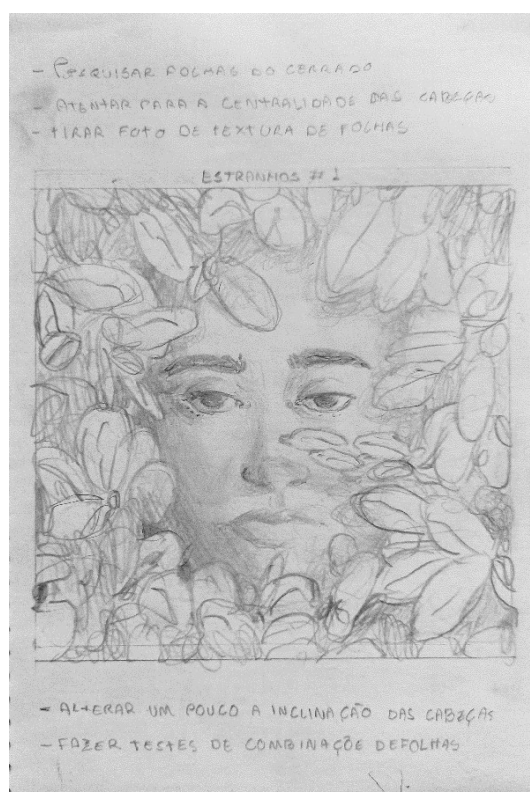
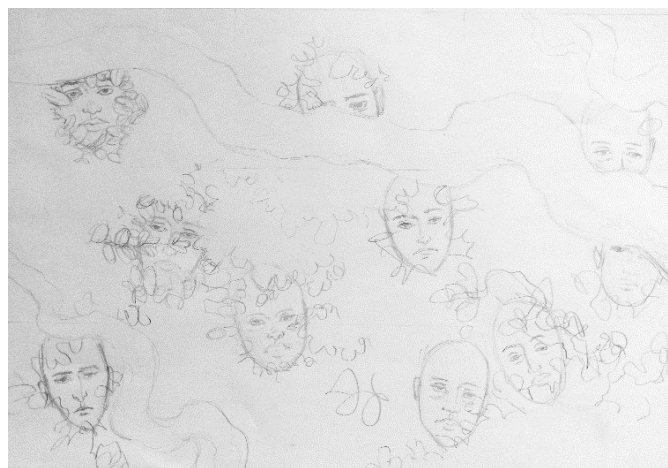
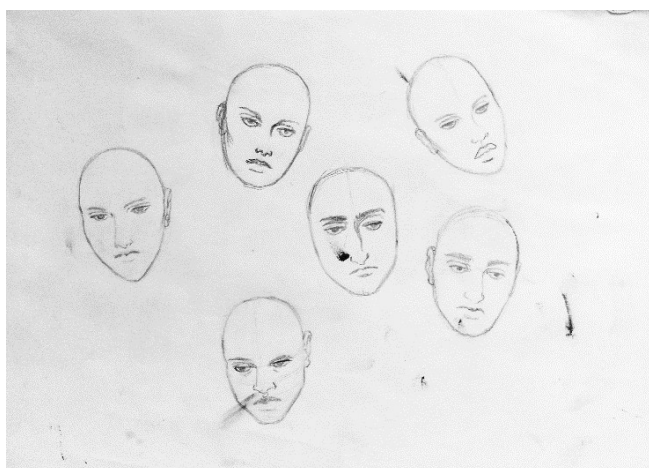


Figura 85 – *Rascunho e anotações de Estranhos #1*. 2023. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm. Fonte: Acervo do autor.

Feito isso a obra foi iniciada, e novamente comecei pelos esboços (Figuras 86 e 87). Logo após, parti para a pintura seguindo novamente a técnica de camadas (Figura 88). O processo de pintura dessa obra trouxe consigo alguns desafios totalmente novos para mim a respeito do uso dos materiais, onde, além de me acostumar com o uso de maiores quantidades de tinta devido ao tamanho da tela, também tive que lidar com outro aspecto, o tempo de secagem. Isso porque para essa pintura, em algumas partes do processo, usei a técnica de veladura que consiste em aplicar uma camada de tinta diluída sobre outra camada previamente seca, e logo em seguida retirar parte da tinta aplicada com tecido ou papel, alcançando efeitos de transparência. Usei esta técnica principalmente no sombreamento dos rostos e das folhas (Figura 89). Para aplicar essa camada de tinta transparente, era necessário que a camada anterior estivesse totalmente seca, exigindo espera e paciência. Salles comenta sobre a “[...] espera do artista pelo tempo da obra” (2014, p. 61).



Figuras 86 e 87 – *Rascunhos de Estranhos olhares com-sumidos*. 2023. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm. Fonte: Acervo do autor.

Com dois meses e nove dias de produção mais uma obra se encontrava finalizada, *Estranhos olhares com-sumidos*, com certeza me testou em vários aspectos, principalmente em resistência e paciência. No entanto, este teste não foi o suficiente para me satisfazer em relação a essa série, na verdade, duas novas obras ainda nasceram a partir dessa mesma estética e poética investigada em *Estranhos uns aos outros*, e estas foram respectivamente, *Estranhos #2* e *#3*, duas obras que fizeram companhia a pintura inicial desta série, *Estranhos #1*, seguindo a mesma lógica de processo de produção, com esboços, pintura em camadas e também a veladura.

Não posso deixar de falar, claro, de toda a poética por trás de *Estranhos uns aos outros*, uma série que novamente traz reflexões a respeito das relações humanas ao mesmo tempo em que também mergulha em em minhas questões pessoais encarnadas discretamente na obra. Essa junção fica mais evidente principalmente nos rostos consumidos pela vegetação, seres que esbanjam mistério e profundidade que pode até ser difícil decifrar ao olhar pela primeira vez. Nestes seres, procuro investigar a estranheza que podem transmitir, estranheza essa que, para mim, tem um sentido especialmente pessoal, ligado novamente a minha dificuldade de interação pessoal, onde trago o peso do olhar alheio e do julgamento, transmitido através das feições frias e inexpressivas. Ao mesmo tempo, associo e ligo esse significado à própria relação humana para com o ecossistema, uma relação, como já evidenciado, nem sempre pacífica, clara ou equilibrada. Há sempre um conflito, seja de olhares, pensamentos ou julgamentos, sempre estranhos uns aos outros em suas interações. Humano e natureza em contato, mas ao mesmo tempo distantes, talvez em uma tentativa estranha de se conectarem. O olhar direto e inexpressivo dos rostos se direciona frontalmente para o espectador, este que é convidado também a participar desta estranheza.



Figura 88 – Processo de pintura de *Estranhos olhares com-sumidos*. 2023. Fonte: Acervo do autor.



Figura 89 – *Processo de veladura*. 2023. Fonte: Acervo do autor.

3.4 – Solitude sobre devaneios viscerais

Solitude sobre devaneios viscerais foi a quarta e última série proposta por mim para esta pesquisa, e, sem dúvidas, a mais complexa em relação ao processo de criação artístico. Composta por três obras, sendo elas, *Um tempo de nós* (Figura 90), *Não volte tão cedo* (Figura 91) e *Por um momento os deixo ir* (Figura 92), nesta série decidi dar alguns passos além e explorar ideias e conceitos que saíram do que eu estava acostumado a produzir.

A primeira obra feita para essa série foi, *Um tempo de nós*, a qual apresenta um percurso de produção complexo e com muitas etapas. Primeiramente, é essencial explicar de onde surgiu a ideia desta obra, e, de maneira bastante intrigante, aqui o evento da autorreferência acaba se repetindo. Em *Nasce o destino do presságio*, a imagem que acabou despertando a ideia para a criação da obra se deu a partir de uma referência tirada de *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo*, como evidenciado no subcapítulo 3.1, e em *Um tempo de nós*, o mesmo acontece. Dessa vez, um recorte na primeira grande obra acaba por me chamar a atenção, e em um vislumbre de ideias acabo por formular a primeira obra que faz parte de *Solitude sobre devaneios viscerais*. O recorte em questão se trata de uma região na parte superior à direita de *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo*, onde é possível encontrar um terreno em declive com algumas árvores e plantas tomando o plano de fundo (Figura 93). Ao olhar essa parte da obra em específico, por algum motivo, me coloquei

a imaginar cenas de solitude e devaneio em meio aquele local. Com a ideia em mente, não pude deixar a oportunidade escapar.



Figura 90 – *Um tempo de nós*. 2023. Óleo, argila e sisal sobre tela. 50 x 70 cm. Fonte: Acervo do autor.

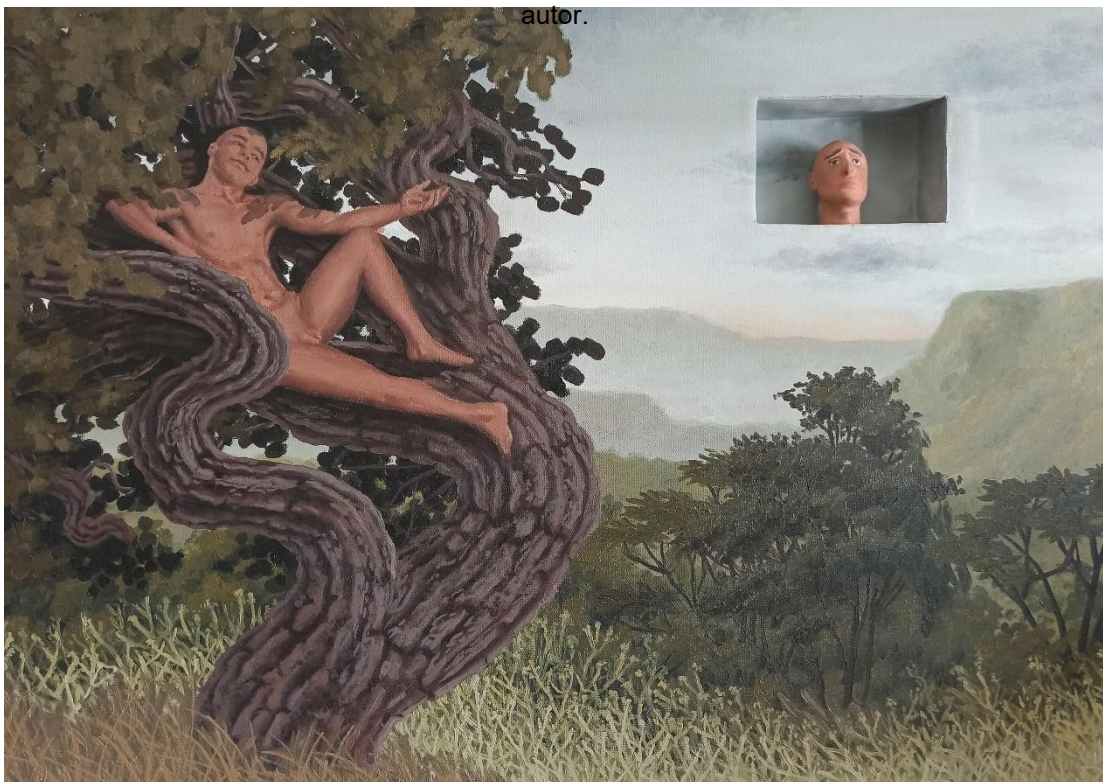


Figura 91 – *Não volte tão cedo*. 2023. Óleo, e argila sobre tela. 50 x 70 cm. Fonte: Acervo do autor.



Figura 92 – *Por um momento os deixo ir.* 2023. Óleo e argila sobre tela. 50 x 70 cm. Fonte: Acervo do autor.



Figura 93 – *Detalhe Solitude e arrependimento antes do fim do mundo.* 2023. Fonte: Acervo do autor.

O primeiro esboço começara a surgir, e logo já era possível perceber um pouco das características de minha referência, como o local acentuado por um volume de terra que declina, e as árvores compondo o restante da cena (Figura 94). Nessa obra, o humano enquanto ser em descanso e tomado pelo efeito da solitude se apresenta novamente, aqui, prostrado sobre a grama, completamente entregue ao momento. Por enquanto, até essa etapa dos esboços, esta era minha proposta para a nova pintura, no entanto, fui surpreendido por possibilidades adicionais, estas que me fizeram acrescentar novos elementos à obra.

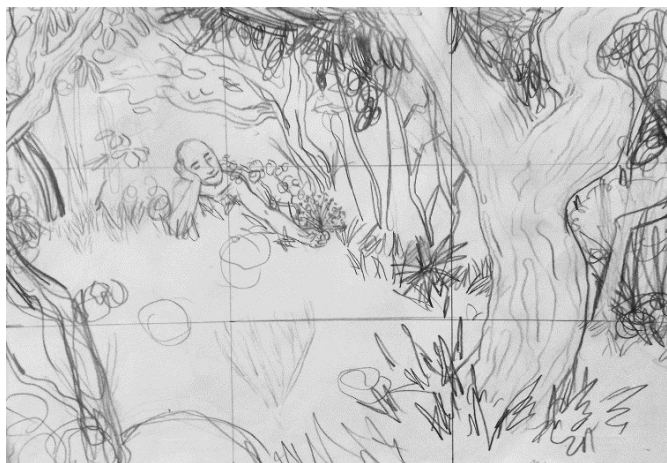


Figura 94 – *Esboço de Um tempo de nós*. 2023. Grafite sobre papel. 15 x 21cm. Fonte: Acervo do autor.

Neste período muitas ideias para novas obras nasciam e cabia a mim selecioná-las e escolher as melhores e mais possíveis de serem realizadas. Em meio a essas possibilidades, alguns projetos acabavam ficando apenas nos esboços e nunca chegavam a nascer realmente. “[...], o artista convive, por vezes, com uma grande diversidade de possibilidades de obras.” (Salles, 2014, p.62). Algumas propostas são perceptíveis nos esboços realizados (Figuras 95 e 96), onde pensava na criação de obras tridimensionais, no entanto, apesar de não serem realizadas, serviram de estopim para novas propostas. A vontade de investigar o tridimensional, iniciada por estas propostas, acabou me trazendo novas ideias, estas que logo em seguida se mesclaram a produção a qual eu vinha fazendo no momento, isto é, *Solitude sobre devaneios viscerais*.

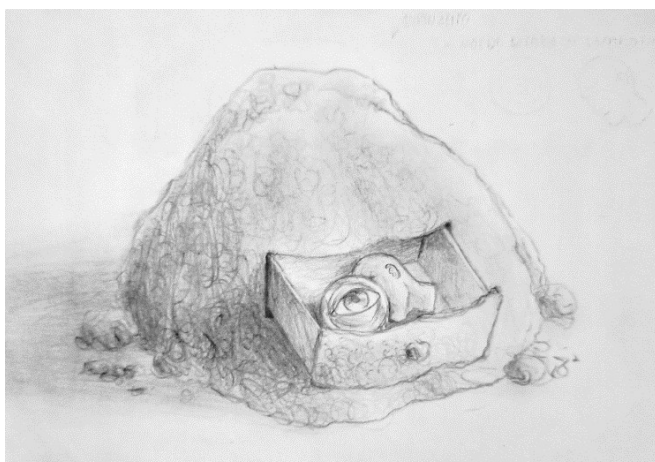
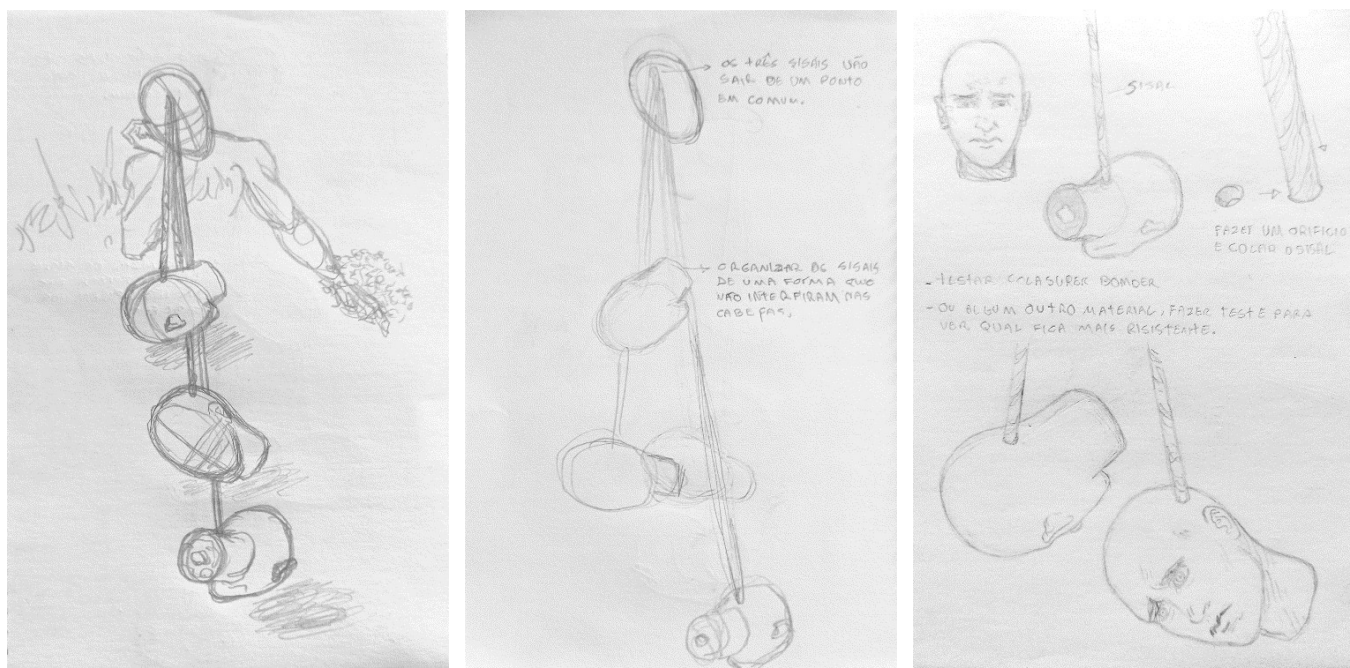


Figura 95 e 96 – *Esboço de obra tridimensional com cupinzeiro*. 2023 (Esquerda) *Esculturas de peças em argila*. 2023. (Direita) Fonte: Acervo do autor.

A partir disso uma explosão de inspirações penetraram minha mente e rapidamente os esboços foram atualizados, e agora as obras que compõem a série *Solitude sobre devaneios viscerais*, têm o tridimensional como parte de seu corpo. Para a primeira pintura planejei três cabeças de argila que ficariam penduradas em direção a um único eixo na própria tela (Figuras 97 a 99). Aqui, começo a resgatar algumas visualidades de obras anteriores trazendo de volta as cabeças, ao mesmo tempo em que deixava o trabalho e sua poética nascerem e se revelarem a mim. Neste momento eu já entendia a produção como um processo, e mais do que isso, também já sabia que os motivos e explicações para essas novas modificações ficariam mais claros gradativamente.



Figuras 97, 98 e 99 – *Esboços do conteúdo tridimensional adicionado a obra.* 2023. Grafite sobre papel. 15 x 21 cm (cada). Fonte: Acervo do autor.

Com os esboços prontos, o processo de pintura foi iniciado, e novamente as camadas e detalhes se apresentam no processo (Figura 100). A pintura foi concluída em dois meses e tudo ocorreu bem durante o processo, no entanto, os elementos em tridimensional ainda precisavam ser feitos e fixados de alguma maneira à tela. Para as três cabeças tridimensionais usei argila como material principal, modelando cada uma separadamente, e, depois de secas, passei uma primeira camada de tinta a óleo para trazer cor de pele humana para a peça. Na figura 101 é possível ver um pouco

da sequência das etapas seguidas desde a peça fresca até a primeira camada de tinta. Logo após, foram adicionados mais alguns detalhes em pintura nas cabeças, e em seguida uma camada de verniz para dar mais proteção (Figura 102). Posteriormente, fiz um pequeno furo nas cabeças e adicionei cola de secagem rápida para fixar as tiras de sisal (Figura 103), sendo este o material que serviu para pendurar as peças junto a tela. A próxima etapa consistiu em trançar os três fios de sisal em um único eixo e fixar um pedaço de arame na ponta (Figura 104), sendo esta a parte que ajudou a prender toda a peça tridimensional à tela. Com tudo finalizado, apenas um último detalhe era necessário para finalizar a obra por completo, o encaixe da peça em tridimensional na tela.



Figura 100 – *Processo de pintura de Um tempo de nós*. 2023. Fonte: Acervo do autor.



Figura 101 – *Processo de produção das esculturas*. 2023. Argila. Fonte: Acervo do autor.



Figura 102 – *Processo de produção das esculturas*. 2023. Fonte: Acervo do autor.



Figuras 103 e 104 – Processo de produção das esculturas. Adição do sisal e do arame. 2023. Fonte: Acervo do autor.

Comecei a planejar o encaixe primeiramente através de rascunho (Figura 105). A ideia consistia em adicionar uma ripa de madeira diretamente no chassi da tela, e logo em seguida acrescentar um furo que atravessasse a tela e a madeira para que o arame das cabeças penduradas pelo sisal pudesse atravessar fazendo com que a estrutura pudesse ficar fixa. Para realizar este projeto levei a tela a um profissional que fez as modificações no chassi (Figura 106) e por final apenas fiz o furo e encaixei o arame (Figuras 107). Todo o processo desde a pintura até toda a finalização com os elementos tridimensionais durou três meses, e finalmente a primeira obra desta série estava concluída.

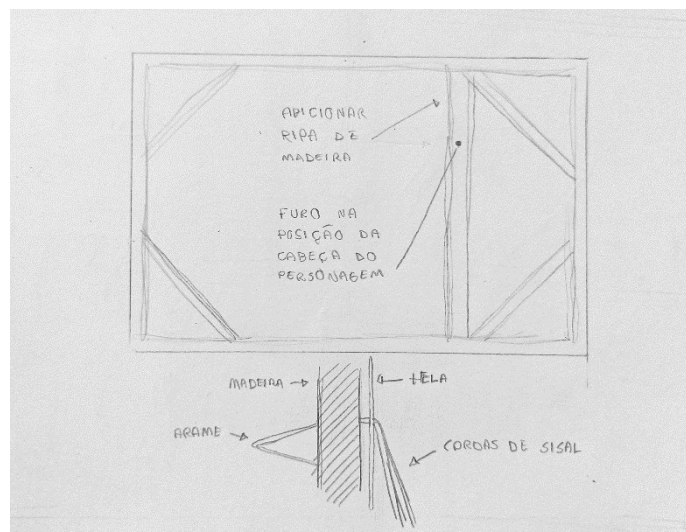


Figura 105 – Rascunho encaixe da obra. 2023. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm. Fonte: Acervo do autor.

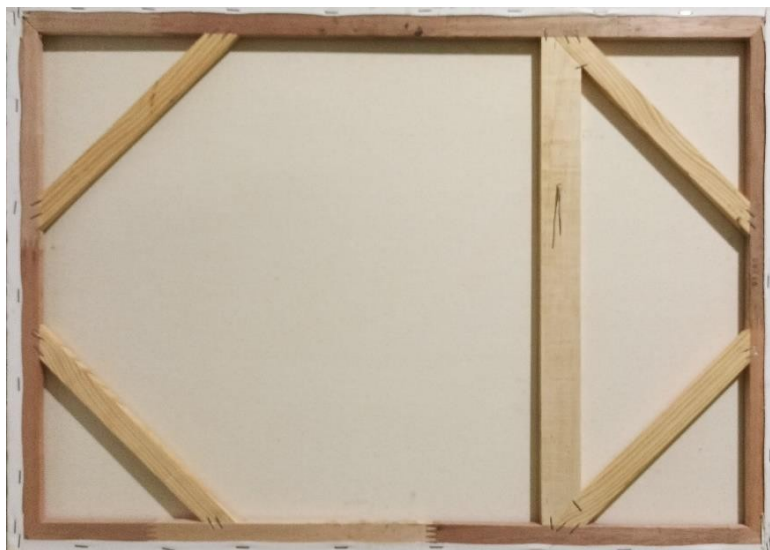


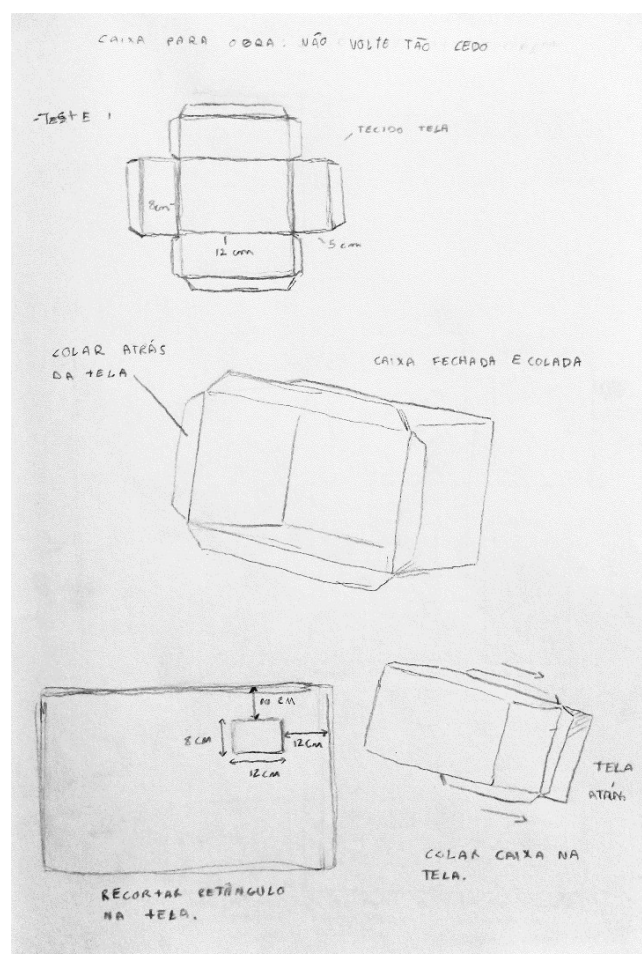
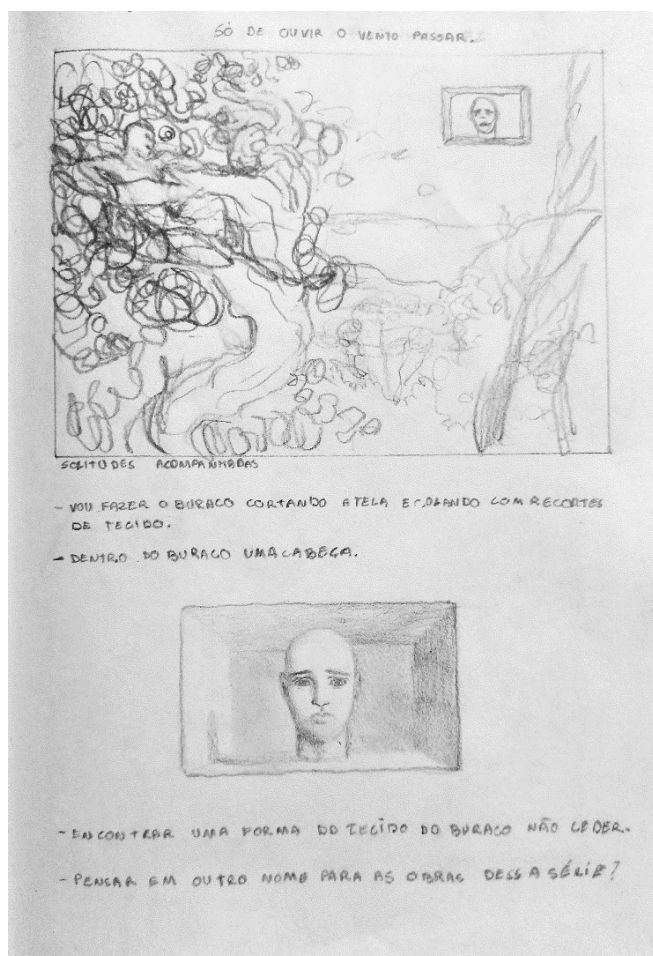
Figura 106 – *Modificação feita no chassi da obra.* 2023. Fonte: Acervo do autor.



Figura 107 – *Etapas de furo e encaixe das partes tridimensionais que compõem a obra Um tempo de nós.* 2023. Fonte: Acervo do autor.

Sem muita espera, a segunda obra, *Não volte tão cedo*, logo começou a ser planejada e dessa vez o desafio foi um pouco maior. Novamente começando pelos esboços, nesta ocasião a ideia começava por uma paisagem ampla, uma cerra em meio ao cerrado, com mais uma figura humana em interação com esse ambiente. Além de continuar explorando as cabeças que já começavam a se repetir em algumas de minhas obras. Aqui a questão do tridimensional foi mantida, e para essa obra fiz modificações no próprio tecido da tela. A ideia era fazer um buraco retangular ocupar este com uma cabeça de argila. Os esboços e medições (Figuras 108 e 109) foram essenciais nessa etapa onde planejei a montagem da caixa de tecido e como esta seria colada no corte que viria na tela logo em seguida. Com as medições feitas, o plano foi colocado em prática antes mesmo da pintura. Este foi um momento bem

delicado dessa produção uma vez que esta era uma obra que fugia totalmente de minha zona de conforto aplicando mudanças na própria armação da tela. Uma grande incerteza pairava sobre aquele momento, mas decidi tentar e aceitar os erros e acertos que viessem a partir daquele momento. Sandra Rey afirma: “É preciso aprender a suportar as tiranias que as incertezas provocam. O caos da obra se fazendo, não é confusão indiferenciada, mas a obra “em luta” com seu criador” (1996, p. 88).



Figuras 108 e 109 – Esboços da obra e do conteúdo tridimensional a ser adicionado. 2023. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm. Fonte: Acervo do autor.

As modificações começaram pela estrutura da tela que logo precisou ser cerrada para dar espaço para o corte que veio logo em seguida (Figuras 110 a 112). Em seguida tracei as medidas da caixa em um tecido de tela separado (Figura 113), recortei e coleí formando uma caixa. Essa etapa precisou ser repetida algumas vezes devido a alguns erros consecutivos que ocorreram durante a construção da caixa, seja por uma parte que acabou não encaixando da forma correta ou por alguns erros cometidos na medição. No entanto, depois de algum tempo, enfim a caixa de tecido foi colada na

tela com cola de secagem rápida e rapidamente já comecei a aplicar as primeiras camadas de tinta (Figura 114).

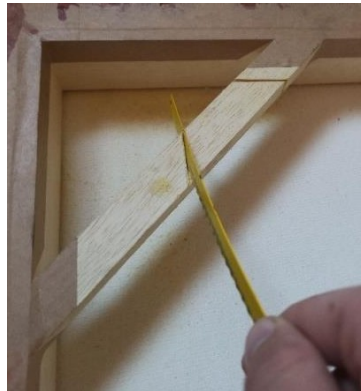
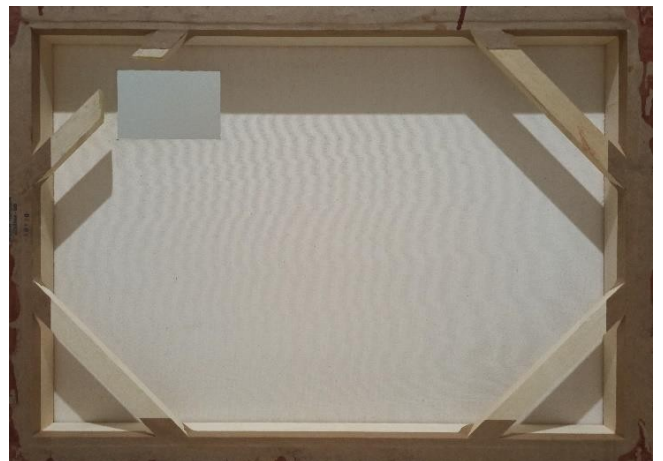
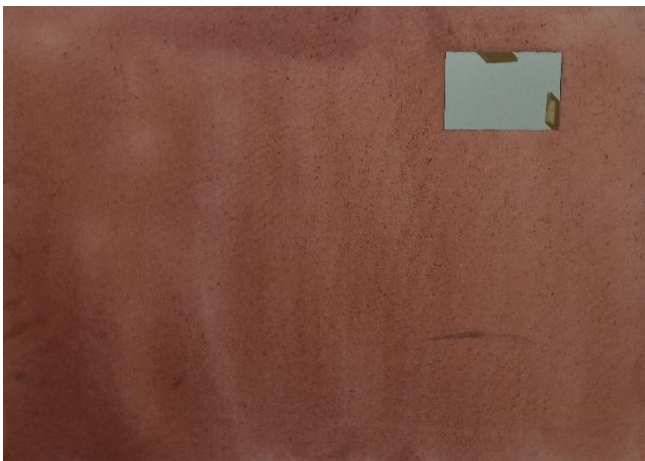


Figura 110 – *Processo de corte da estrutura do chassi da obra Não volte tão cedo. 2023.* Fonte: Acervo do autor.



Figuras 111 e 112 – *Processo de corte da estrutura do chassi da obra Não volte tão cedo. (A esquerda visão frontal, a direita traseira.) 2023.* Fonte: Acervo do autor.

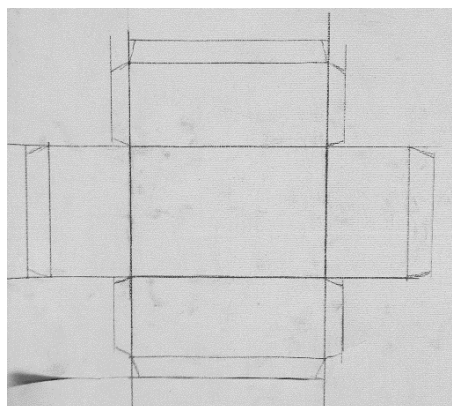


Figura 113 – *Molde em tecido para a montagem da caixa a ser acoplada na tela. 2023.* Fonte: Acervo do autor.

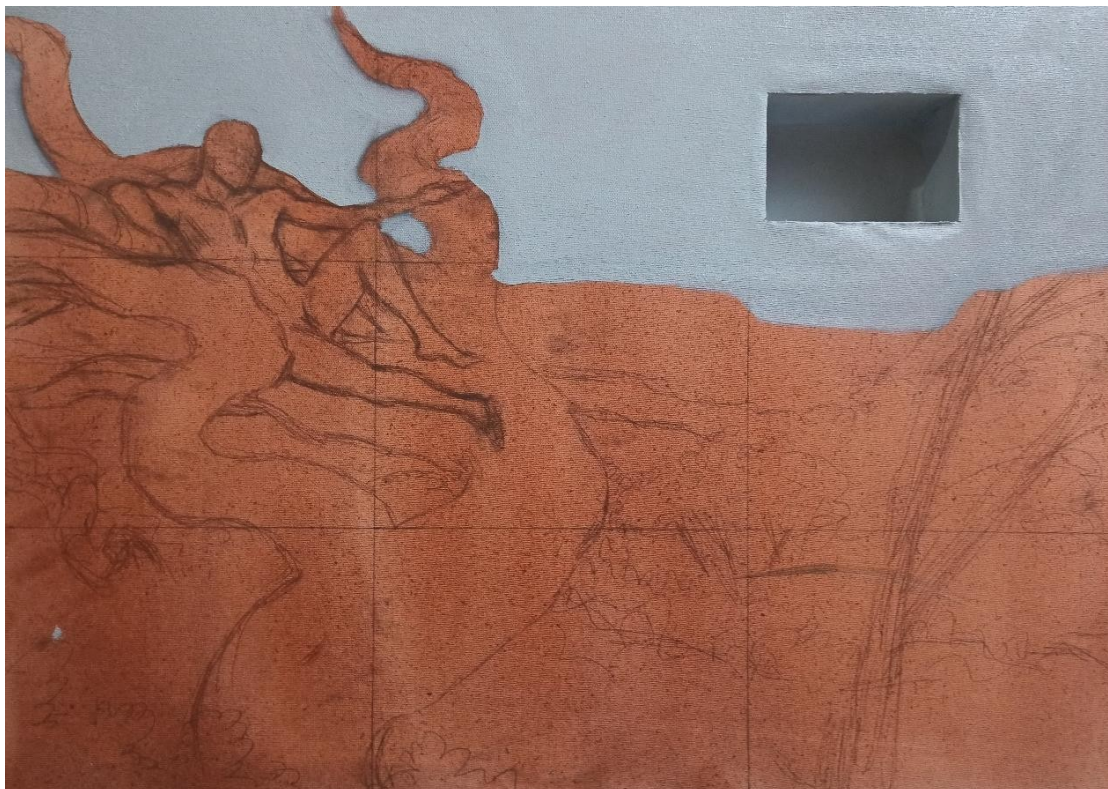


Figura 114 – *Tela com a caixa de tecido já fixada*. 2023. Fonte: Acervo do autor.

A etapa seguinte foi a finalização da pintura, feita novamente através de camadas e planos (Figura 115). Para me ajudar na criação e pintura das árvores, plantas e escolhas de cores e texturas utilizei algumas imagens de livros ilustrados consultados, como a obra *O coração do Brasil*, com texto de João Alegria e fotografias de Gustavo Malheiros (2001). Para a figura humana também parti de esboços, estudando posições diferentes para algumas partes do corpo e alguns detalhes (Figura 116). Assim, em aproximadamente três meses, a pintura da obra estava completa, faltando agora apenas os detalhes em tridimensional.

Para terminar, apenas mais duas ações eram necessárias na obra, isto é, a criação da cabeça de argila e também o sistema ao qual ela foi acoplada. Para a cabeça segui os mesmos passos descritos em *Um tempo de nós*, com a modelagem e pintura da peça, com uma diferença apenas no sistema que seria usado para a fixação, que foi feita através de um parafuso adicionado a base da cabeça, um momento um tanto quanto delicado desta produção, já que só tive a ideia de adicionar o parafuso na peça depois de seca, sendo necessário furá-la com uma furadeira e fixar o parafuso com cola de secagem rápida e argila, arriscando totalmente a integridade a escultura. Por fim, da mesma forma que foi necessário a adição de uma base para a fixação das

cabeças em *Um tempo de nós*, aqui também foi. Em *Não volte tão cedo*, foi necessário a criação de uma base para dar sustentação a fenda construída na tela, de forma que esta conseguisse sustentar o peso da cabeça ao mesmo tempo em que fornecesse a possibilidade de fixação da mesma. Sendo assim, novamente solicitei os serviços de um profissional especializado para a criação dessa base (Figura 117), e por fim fiz o furo onde foi encaixada a escultura (Figura 118) e a fixei na tela (Figura 119).



Figura 115 – *Esboço para Não volte tão cedo*. 2023. Fonte: Acervo do autor.

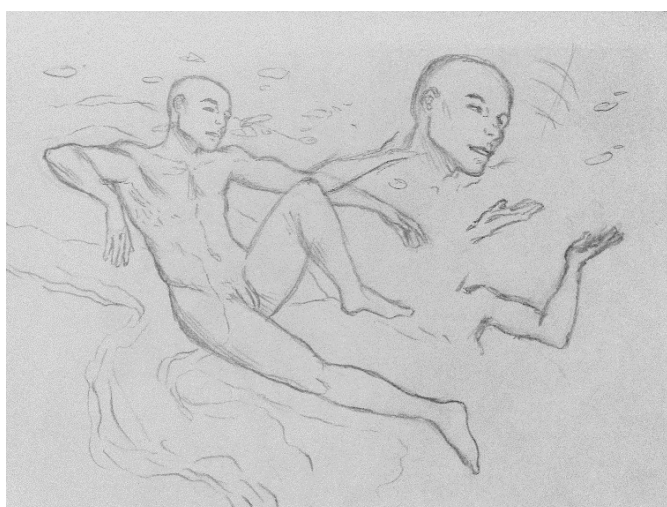


Figura 116 – *Esboço para Não volte tão cedo*. 2023. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm. Fonte: Acervo do autor



Figura 117 – Base feita diretamente no chassi da obra. 2023. Fonte: Acervo do autor.



Figura 118 – Orifício feito diretamente na tela e em sua estrutura. 2023. Fonte: Acervo do autor.



Figura 119 – Sequência de fixação da cabeça. 2023. Fonte: Acervo do autor.

Assim, a segunda obra da série *Solitude sobre devaneios viscerais* foi concluída em três meses, e junto com ela muitos aprendizados adquiridos. Realmente foi um desafio acrescentar os elementos em tridimensional em minhas obras, e muitos erros e acertos ocorreram durante a produção, seja na solução e criação dos elementos tridimensionais, onde, em certos momentos tive problemas, atrasos ou dificuldades para desenvolver as peças; ou no próprio projeto, onde percebo agora, depois de terminar as duas últimas obras, uma necessidade de um melhor planejamento antes de iniciá-las, principalmente em relação às partes de conexões das peças em tridimensional.

Tendo isso em mente, iniciei a terceira e última obra, *Por um momento os deixo ir*, está ligeiramente mais organizada que as últimas duas. Dessa vez decidi iniciar com os esboços e planejamento da pintura e também de todo o sistema que compôs a parte tridimensional da obra, como é possível ver nas Figuras 120 e 121, onde mostro muito mais sobre a composição geral da obra e algumas anotações sobre o tridimensional, como as dimensões, peças e encaixes a se fazer. Tendo finalizado este prelúdio, decidi fazer um teste de pintura (Figura 122) para acertar os tons e a composição afim de ter um controle maior sobre a pintura, principalmente na representação da água, um elemento que eu não estava muito acostumado a reproduzir. A pintura final seguiu o mesmo padrão de camadas de costume.



Figura 120 – *Esboço de Por um momento os deixo ir*. 2023. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm. Fonte: Acervo do autor.

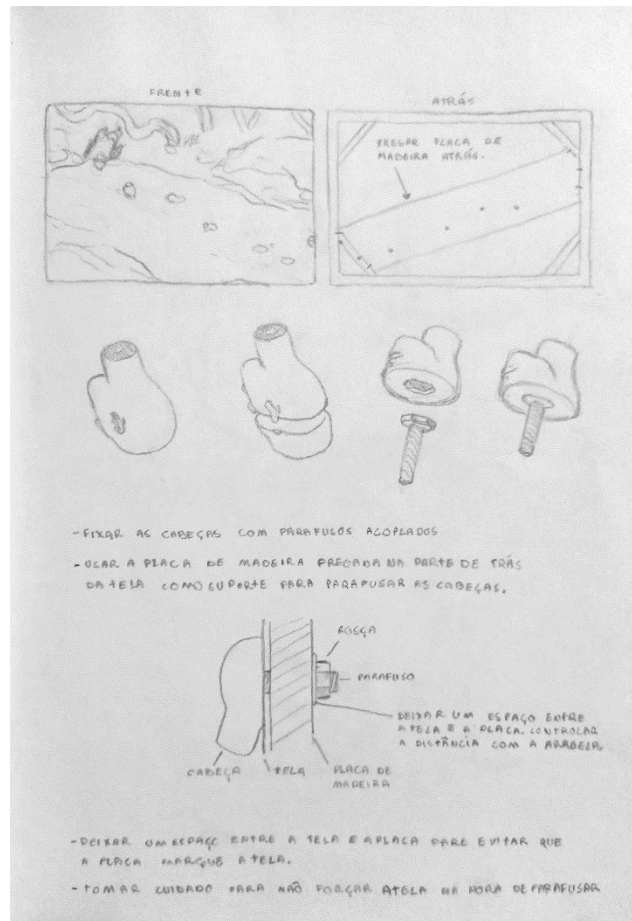


Figura 121 – *Planejamento de Por um momento os deixo ir.* 2023. Grafite sobre papel. 21 x 29,7 cm.

Fonte: Acervo do autor.

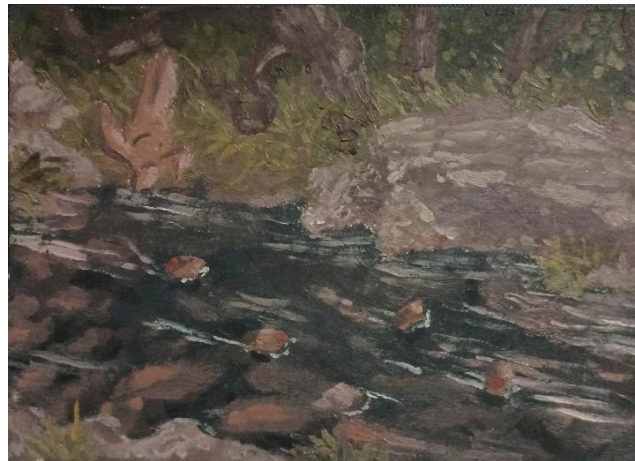


Figura 122 – *Teste de pintura.* 2023. Óleo sobre papel. 15 x 10 cm. Fonte: Acervo do autor.

Com a pintura pronta, o último passo foi finalizar as peças e estruturas tridimensionais adicionais. Para as cabeças novamente usei argila, no entanto, dessa vez optei por um molde de gesso (Figura 123) feito por mim para a reprodução das cabeças, com o intuito de tornar mais fácil e seguro a confecção das mesmas. Foi necessário apenas aplicar a argila fresca dentro do molde e ela facilmente adquiriu a forma da cabeça,

sendo assim, apenas escolhi os formatos e recortes que se encaixavam melhor na pintura e fiz as peças. Com os modelos prontos, desta vez me atentei a adicionar o parafuso enquanto a argila ainda estava fresca, facilitando o processo e evitando futuros problemas (Figura 124). Após este processo, apenas foi necessário esperar a secagem, pintar e envernizar as peças (Figura 125).



Figura 123 – *Molde de gesso para produção das cabeças em argila.* 2023. Gesso. 11 x 11 x 9 cm.

Fonte: Acervo do autor.

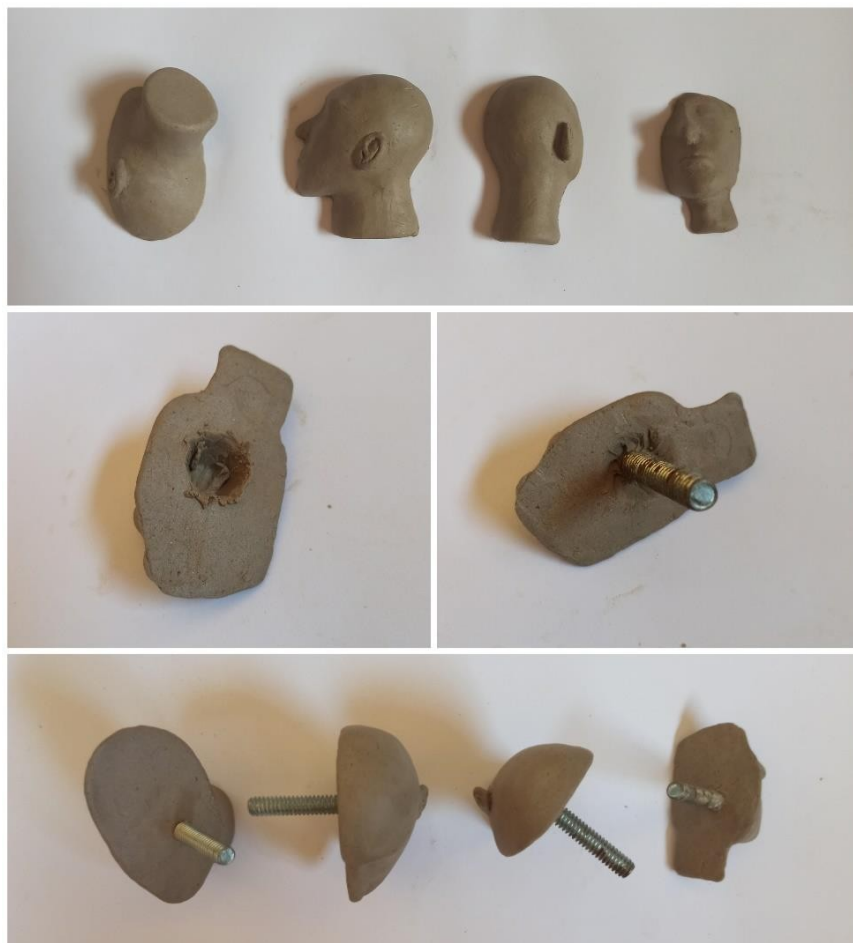


Figura 124 – *Processo de produção das esculturas.* 2023. Argila e parafusos. Fonte: Acervo do autor.



Figura 125 – Exemplo de peça já seca, pintada e envernizada. 2023. Fonte: Acervo do autor.

Por fim, a montagem da estrutura de fixação também foi feita, e, apesar de ter sofrido algumas alterações em comparação com o projeto inicial, ainda foi mantida a ideia de se adicionar ripas de madeira no verso da tela. A estrutura seria composta por duas ripas de madeira pregadas de forma específica a fim de dar fixação para cada uma das cabeças produzidas, e assim foi feito (Figura 126). Posteriormente, em locais específicos, furei a tela atravessando as ripas e o tecido da tela (Figuras 127), dando a possibilidade de acoplar e fixar os parafusos das cabeças na tela, o que foi feito com o auxílio de roscas para que as peças não caíssem (Figura 128). Assim, a última obra desta série teve sua finalização.



Figura 126 – Verso da tela após modificações. 2023. Fonte: Acervo do autor.



Figura 127 – Verso da tela após modificações. 2023. Fonte: Acervo do autor.



Figura 128 – Acoplagem das cabeças de argila a tela. 2023. Fonte: Acervo do autor.

Terminar *Solitude sobre devaneios viscerais* foi sem dúvidas um grande feito neste trabalho e também em minha produção artística como um todo. Nesta série optei por trazer um diálogo mais pessoal, mas que ao mesmo tempo navega por todas as questões as quais já discorri nas outras três séries apresentadas. Aqui, trago toda a visualidade e estudo do Cerrado relacionado a sua vegetação, cores e formas que já venho apresentando desde *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo*. Mas também, busco novamente trazer uma discussão sobre as relações humanas e ao mesmo tempo um salto em questões pessoais. Nas pinturas, busco falar um pouco sobre todo meu percurso de evolução, que perpassa não somente o âmbito artístico, mas também o pessoal, me adentrando em todas as dificuldades vividas, seja as incertezas em relação a minha própria produção as quais já venho analisando desde o primeiro capítulo; ou também a minha complexa relação com o outro e a natureza.

Acabo por demonstrar estas incertezas através das cabeças cortadas que aparecem em cada uma das três obras, apresentando a visceralidade dos pensamentos que tomam minha mente quando todas as incertezas e inseguranças a invadem. No entanto, ao mesmo tempo em que falo sobre estes problemas, também falo sobre uma das formas de lidar com todos estes pensamentos, ou pelo menos a forma como eu lido, isto é, através da conexão com o natural, algo que me acalma e desprende da agonia da incerteza, do medo do erro e da insegurança. Por isso, trago os personagens que descansam na paisagem e liberam a visceralidade de suas almas, que saem, se dissolvem e se projetam para fora, literalmente, pelo menos naquele precioso momento.

Dessa forma, finalizo a última obra desta produção proposta ao mesmo tempo como desenvolvimento de minha prática artística e autoconhecimento de minha poética. Muita evolução e progresso ocorreram durante esta caminhada, e a seguir, no quarto e último capítulo falo um pouco sobre todos os progressos os quais passei e passarei ao final desta realização.

4. Pesquisa em arte e o circuito

Assim, um ciclo se encerra, junto de muito aprendizado e autoconhecimento. A esta altura minha produção já havia atingido um nível bem mais alto de evolução e já conseguia exercer um certo domínio sobre a pintura, controlando cada vez mais as pinceladas e compreendendo a hierarquia de camadas, além de criar visualidades e características próprias em minhas pinturas, como a paleta de cores característica em minhas obras, sempre variando entre os tons terrosos de verde, marrom e amarelo, e também os seres, mundos e personagens intrigantes e surreais criados por mim. Muitos erros e acertos fizeram parte deste percurso, e agora os entendo como essenciais para todo o processo. Cecília Almeida Salles comenta, que “A obra vai se constituindo nessas idas e vindas, permanentemente julgadas em uma autocorreção criadora.” (2014, p. 133). Neste caso, não somente uma obra, mas toda minha produção passa por estas idas e vindas, saindo de uma extrema incerteza e se transformando à medida em que me permito investigar e continuar o processo artístico. Mais do que isso, vejo uma pesquisa e produção que ganha significado e que se fortalece a cada obra feita. Um percurso de autoconhecimento que se iniciou, sofreu grande evolução, gerou resultados e ainda continua a acontecer, um eterno entendimento do eu, do outro, da natureza e de suas tão intrínsecas relações.

Um grande senso de crescimento me toma ao concluir este trabalho pois agora encaro de frente todos os resultados que obtive nestes anos de caminhada, seja pela evolução técnica, consciência poética ou também pela premiação que consegui e pelas várias exposições nas quais participei com minhas obras no decorrer deste processo dando já meus primeiros passos no circuito artístico Goiano. Foram ao total 4 exposições e uma premiação. O prêmio estímulo Fargo (Figura 129) foi o primeiro evento do qual participei, se tratando de uma premiação realizada na 5ª edição da Feira de Arte de Goiás (FARGO), do dia 25 a 28 de maio de 2023, organizada pela Arte plena produção em cultura com o intuito de lançar uma maior visibilidade aos artistas goianos e residentes no estado, estimulando suas produções e ajudando no escoamento. A obra premiada foi *Solitude e arrependimento antes do fim do mundo*.



Figura 129 – *Exposição Prêmio Estímulo Fargo 2023*. 2023. Fonte: Fotografia de Jéssika Lorrane.

Em seguida participei da exposição coletiva *Abrir horizontes* (Figura 130), realizada no Centro Cultural Octo Marques, Goiânia/GO, do dia 30 de junho ao 20 de outubro de 2023, com curadoria de Dalton Paula, Divino Sobral e Paulo Duarte-Feitoza. As obras selecionadas foram, *Estranhos olhares com-sumidos* e *Estranhos #1*. Se tratando de uma exposição coletiva que contou com a participação de 25 artistas, onde o intuito principal foi pensar o atual cenário artístico goiano apresentando alguns de seus artistas e suas produções que emergem e ganham forças com suas mais diversas linguagens, poéticas e reflexões, transmutando entre variadas mídias e suportes. Sobre minhas obras, comentam os curadores: “Carlos Camilo cria relações fantásticas entre o humano e a natureza vegetal [...]” (Paula; Sobral; Duarte-Feitoza, 2023, p.07). Após esta, participei da exposição *Sobre/Posições* (Figura 131), realizada na Galeria Index, em Brasília/DF, de 21 de julho a 02 de setembro de 2023, com curadoria de Marcos Mendes Manete, apresentando as obras *Nasce o destino do presságio* e *Sonho com conexão*. Nesta exposição a ideia da sobreposição foi apresentada através de obras de 21 artistas brasileiros sempre investigando este tema sobre as mais diversas perspectivas, seja social, técnica ou crítica, passando pelo “Sobrepôr, acrescentar, adicionar, incrementar, inserir camadas” (Manete, 2023, s/p).

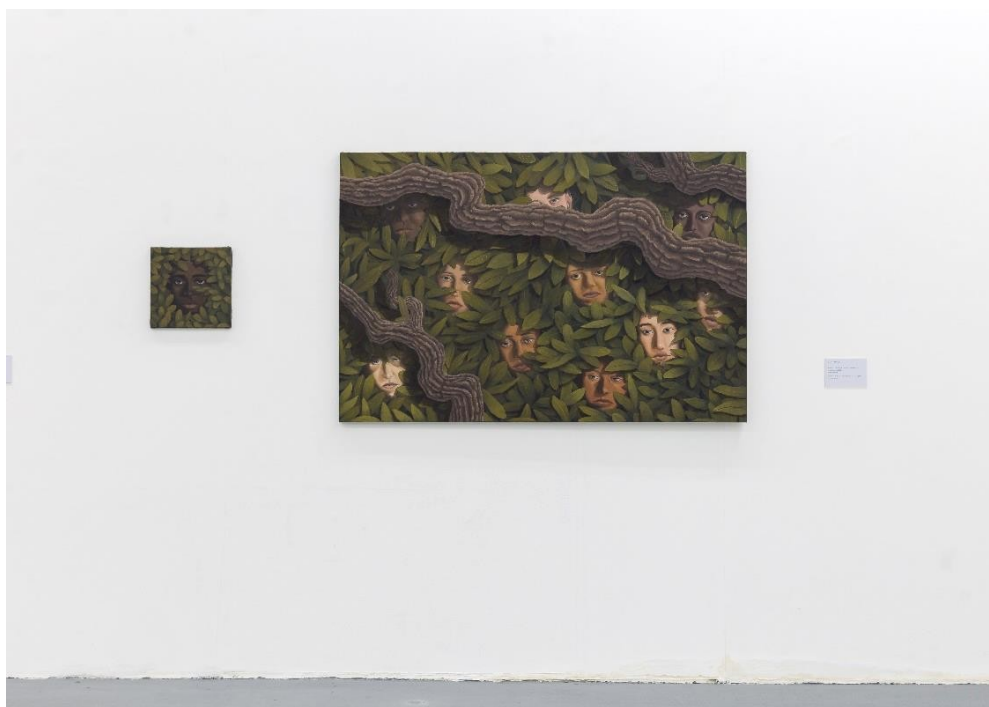


Figura 130 – Obras expostas na exposição *Abrir Horizontes*. 2023. Fonte: Fotografias de Rubin Oliveira.

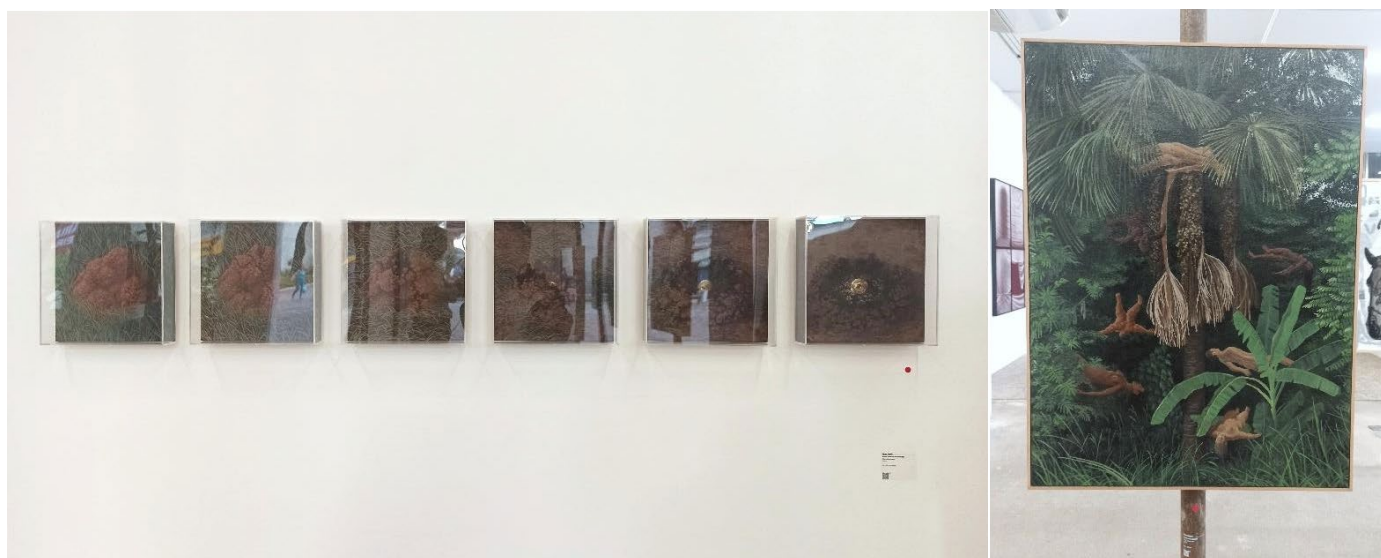


Figura 131 – Obras expostas na exposição *Sobre/Posições*. 2023. Fonte: Acervo pessoal

A quarta exposição, *Eu é um outro* (Figura 132), com curadoria de Glayson Arcanjo e Paulo Duarte-Feitoza, aconteceu entre os dias 7 e 24 de novembro de 2023 na Galeria ExpoLab da Faculdade de Artes Visuais da UFG. A exposição novamente foi coletiva reunindo vários jovens artistas com produções que procuravam pensar a ampla ideia de (auto)retrato. Minhas obras selecionadas foram respectivamente *Estranhos #2* e *Estranhos #3*, duas pinturas que se encaixaram perfeitamente na proposta da exposição, esta que visava exatamente investigar as “confabulações do eu”, ao mesmo tempo em que se relacionam e dirigem ao outro, principalmente através da ideia do (auto)retrato. Minhas obras, segundo os curadores Arcanjo e Duarte-Feitoza, são “[...] estranhos retratos [...], espíritos da floresta, talvez, nos interpelam frontalmente desde a categoria estética do fantástico” (2023a)



Figura 132 – Obras expostas na exposição *Eu é um outro*. 2023. Fonte: Acervo pessoal

Por último, participei da exposição *Cascas/Cacos* (Figura 133), realizada na Vila Cultural Cora Coralina, Goiânia/GO entre os dias 11 de novembro e 03 de dezembro de 2023. Para esta exposição as obras selecionadas foram *Um tempo de nós*, *Não volte tão cedo* e *Por um momento eu os deixo ir*, produções que, em concordância com a proposta curatorial desta mostra, flertam com a ideia do pedaço, da fragmentação e das camadas, ao mesmo tempo em que busca refletir sobre as

fragilidades do mundo contemporâneo, como mencionado no texto curatorial de Arcanjo e Duarte-Feitoza, (2023b).

Certamente um crescimento inicial é visível em minha produção e carreira artística como um todo, inicio aqui meus primeiros passos, certo de que ainda tenho muito a aprender. Pretendo continuar esta jornada, cada dia mais me aprofundando e evoluindo meus conhecimentos e práticas. Um eterno conhecimento do eu, do outro e da natureza.



Figura 133 – Obras expostas na mostra *Cascas/Cacos*. 2023. Fonte: Fotografias de Rubim Oliveira.

Considerações finais

Chego ao fim desta pesquisa com uma grande bagagem de conhecimento, evolução e resultados, fundados sobre um complexo processo. É extremamente gratificante para mim observar toda esta caminhada que se inicia desde minhas primeiras experimentações apresentadas, dando meus primeiros passos por materiais e tentativas diversas, e logo em seguida, observar estes experimentos se afinando em algo mais conciso e nítido. Entender o funcionamento do processo de produção artística em seus detalhes foi essencial no percurso de superação de inseguranças e incompletudes em relação a minha própria produção. Agora, percebo este percurso como um processo onde os erros foram e são aceitáveis e até mesmo necessários, as dúvidas são construtivas e a indecisão, parte do processo.

Entender que, tanto a prática quanto a pesquisa de um artista não necessitam nascer completamente resolvidas, foi de extrema importância para minha produção e pesquisa teórica, as quais aconteceram de forma simultâneas. Assim, a medida em que produzia cada uma das 11 obras propostas, também me concentrava em me aproximar de minhas próprias inspirações, referências e interesses a fim de entender e conhecer minha poética.

Ainda dentro desta reflexão, compreender a existência do eu, do outro e da natureza dentro de minha produção, como também as relações entre estes pilares, foi com certeza um dos momentos mais precisos neste percurso, sendo totalmente essencial para construir um diálogo entre as obras e a consistência da produção como um todo. Em complemento, também é importante lembrar o mundo que venho dando vida a cada obra realizada. Explorar os seres e criaturas incomuns que ousou alimentar em minha imaginação me dá ainda mais vontade de continuar a expandir esta prática.

Por fim, gosto de frisar a importância desta pesquisa para mim enquanto artista devido a grande evolução que obtive em minha produção artística ao seu decorrer e também pelas várias oportunidades de inserção no circuito artístico local pelas quais fui agraciado, o que só foi possível através das oportunidades que esta pesquisa e produção acabaram me revelando. Ademais, além de grandes contribuições para mim, espero que este trabalho também possa inspirar e ajudar futuros artistas em

seus processos e percursos artísticos. A caminhada é longa e cheia de desafios e muita prática, mas com certeza a evolução é extremamente gratificante e acontecerá a todo momento. Para mim, este é só o começo.

Referências

ALEGRIA, João; MALHEIROS, Gustavo. **O coração do Brasil**. Coleção onde o Brasil é mais bonito, V 1. Rio de Janeiro: Arte Ensaio, 2001. 139 p.

ARCANJO, Glayson; DUARTE-FEITOZA, Paulo. **Cascas/Cacos** [texto curatorial] Goiânia, GO. 2023.

ARCANJO, Glayson; DUARTE-FEITOZA, Paulo. **Eu é um outro** [livro digital]. Organizadores: Glayson Arcanjo e Paulo Duarte-Feitoza. Goiânia, GO: Ed. Dos Autores, 2023a. 29 p. Disponível em: <http://Bit.ly/eueumoutro>. Acesso em: 02 dez. 2023.

BANDEIRA, Meire Nunes; CAMPOS, F. Itami. **Bioma Cerrado: relevância no cenário hídrico brasileiro**. IX Simpósio Nacional de Ciência e Meio Ambiente – SNCMA – III CIPEEX. V.02, p.399-409, 22 abri, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/4aX9FAe>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BLUEMINK, Matt. Moebius: 40 Days in the Desert. **Blue Labyrinths**. 10 Dec, 2018. Disponível em: <https://bluelabyrinths.com/2018/12/10/moebius-40-days-in-the-desert/> Acesso em: 14 ago. 2023.

CAMILO, Carlos Henrique Pedro. **Teoria e prática artística na virada ecológica: AÇÃO OU ARREPENDIMENTO? - UMA REFLEXÃO ARTÍSTICA SOBRE AS RESPONSABILIDADES E CONSEQUÊNCIAS DE NOSSAS AÇÕES PARA COM O ECOSSISTEMA**. Goiânia, GO. 2023. 13 p.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2012. 429 p.

FERNANDINO, Fabrício. **(R)evolução Frans Krajeberg, o poeta dos vestígios**. VER. UFMG, Belo Horizonte, v.21, N 1 e 2, p. 260-277, jan/ dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2651/1518>. Acesso em: 10 nov. 2023.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. LTC, Rio de Janeiro, 2013. 1046 p.

GUARALDO, Lucas. **Desmatamento cresce 60,5% no Cerrado e chega a 83 mil hectares em setembro**. IPAM Amazônia. 19 out. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3SbRCyY>. Acesso em: 25 nov. 2023.

GUASCH, Anna Maria. **El arte eN la era de lo global**. 1989-2015. Alianza Editorial; edição 31 mar, 2016. 456 p.

GOUVÊA, Patrícia. **Informações e portfólio**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por carloscamilo@discente.ufg.br em 18 de dezembro de 2023.

GOUVÊA, Patrícia. Sobrevida #1. **Patrícia Gouvea**. [website]. Disponível em: <https://www.patriciagouvea.com/> Acesso em: 02 ago. 2023.

GRAVETT, Paul. **Moebius & Jean Giraud: Leading a Double Life - Part 1**. 2010. Disponível em: http://paulgravett.com/articles/article/moebius_jean_giraud. Acesso em: 2 jan. 2018.

GRAVETT, Paul. **Moebius & Jean Giraud: Leading a Double Life - Part 2**, 2011. Disponível em: http://www.paulgravett.com/articles/article/moebius_jean_giraud_2. Acesso em: 2 jan. 2018

JOHNSTON, Miles. **Miles Johnston art**.

Disponível em: <https://bit.ly/3H6JNUT>. Acesso em: 14 ago. 2023.

JORDÃO, Paulo Veiga. **Arte moderna: vanguardas artísticas**. Goiânia: Goiânia: CIAR-UFG. Acesso em: <https://bit.ly/3Oq3ayP>. Acesso em: 14 ago. 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2020. 104 p.

MAIA, Elisa. **Dorothea Tanning**. DASartes. 13 Mai. 2019.

Disponível em: <https://bit.ly/3H8jduL>. Acesso em: 14 ago. 2023.

MANENTE, Marcos Mendes. **Sobre/Posições Coletiva Sala 1** [texto curatorial] Galeria Index. Ed. Morro Vermelho, SCS Brasília, DF. 2023. S/P.

MARANO, Hara Estroff. **What Is Solitude? Psychology today**. 13 Dec. 2016.

Disponível em: <https://bit.ly/3H9g5hT>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MERISSE, Raoni Japiassu. **Efeito do regime de queima sobre fauna associada a cupinzeiros no distrito federal**. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em:

http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/7686/1/2010_RaoniJapiassuMerisse.pdf. Acesso em: 14 ago. 2023.

OLIVEIRA, Gisele Gonçalves. **Valoração econômica: Um estudo de caso sobre o papel dos cupins de montículo, benefício-custo para o produtor pecuário**.

Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2017.

Disponível em: <http://www.btdt.ueg.br/handle/tede/737>. Acesso em: 14 ago. 2023.

PAULA, Dalton; SOBRAL, Divino; FEITOZA, Paulo Duarte. **Abrir Horizontes** [livro digital] / editores, Divino Sobral e Paulo Duarte-Feitoza. Goiânia, GO: Ed. Dos Autores, 2023. 117 p. Disponível em: <http://bit.ly/abrirhorizontes>. Acesso em: 02 dez. 2023.

REY, Sandra. **Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais**. Porto Arte, Porto Alegre, v.7, n. 13, p. 81-95, nov. 1996.

SALLES, Almeida Cecília. **Gesto inacabado: processo de criação artística.** São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998. 168 p.

SALLES, Almeida Cecília. **Redes da criação: Construção da obra de arte.** São Paulo. Editora Horizonte, 2014. 176 p.

STANGOS, Nikos. **Conceitos da arte moderna.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1991. 344 p.

CHAPEL, Sistine. **THE CREATION OF ADAM.** 1 fotografia. Disponível em: <https://encr.pw/FWcnV>. Acesso em: 14 ago. 2023.